

UNIVERSIDADE

pública

JAN\_FEV /2011  
ano 11. nº59

Envolvimento autorizado, pode ser aberto pela E.C.T.

IMPRESSO

# Compartilhando alegria

Ações de extensão levam cultura, saúde, educação e lazer a mais de um milhão de pessoas no Ceará, em processo contínuo de troca de saberes

## Autoestima

Grupos de pesquisa da Universidade atuam na prevenção do câncer de mama e dão suporte a mulheres mastectomizadas

## Diplomacia

A divulgação de dados diplomáticos no site *Wikileaks* repercute na conjuntura internacional



# SE VOCÊ NÃO TOMAR CUIDADO, O MOSQUITO DA DENGUE INVADE A SUA CASA.

O vírus tipo 1 da Dengue voltou a circular em várias cidades do País, inclusive em Fortaleza. Crianças e adolescentes são os mais vulneráveis à doença. Por isso é importante redobrar a atenção nos cuidados de combate ao mosquito, para evitar o risco de epidemia em 2011. Faça a sua parte!

**DENGUE**  
**NA MINHA CASA**  
**NÃO**

**Evite a água parada:** vede sempre as caixas d'água, os tanques e tambores, cubra os pneus e desobstrua as calhas, tampe os potes e as garrafas, não jogue o lixo na rua, em terrenos baldios ou em canais. Com ações simples como estas, você cuida bem da sua família e ainda ajuda Fortaleza a ficar livre da Dengue.



Fala Fortaleza: 0800 285 0880  
[www.fortaleza.ce.gov.br](http://www.fortaleza.ce.gov.br)



Muitas despesas  
de início de ano?

**Crédito Todo \$eu.  
Precisou, pegou.**

Consulte seu limite no extrato e pegue  
já seu crédito nos caixas eletrônicos.

Até 180 dias  
para começar  
a pagar.

bb.com.br

Sujeito à aprovação cadastral e demais  
condições dos produtos.

**É DO BRASIL**

Todo **seu**

Central de Atendimento BB 4004 0001 ou 0800 729 0001 – SAC 0800 729 0722  
Ouvidoria BB 0800 729 5678 – Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 729 0088

UNIVERSIDADE **pública**

Revista de valorização e promoção da  
produção científica, tecnológica e cultural  
da UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

Reitor  
**Prof. Jesualdo Pereira Farias**  
Vice-Reitor  
**Henry Campos**

Reitoria  
Av. da Universidade, 2853  
60020-181 - Fortaleza - CE  
Fone: (85) 3366.7300  
Internet: www.ufc.br  
E-mail: reitor@ufc.br

Coord. de Comunicação Social  
e Marketing Institucional  
**Paulo Mamede**  
Fone: (85) 3366.7319  
E-mail: ufcinforma@ufc.br

Assessor de Comunicação Institucional  
**Italo Gurgel**  
Fone/Fax: (85) 3366.7328

Revista **Universidade Pública**  
Av. da Universidade, 2853  
Benfica - Fortaleza - Ceará  
CEP: 60020-181  
Fone: (85) 3366.7319  
revistaufc@gmail.com

Editora  
Simone Faustino/CE02133JP

**Reportagens**  
Cristiane Pimentel/CE01863JP  
Gustavo Colares/CE01861JP  
Hébely Rebouças/CE2180JP  
Lucintha Gomes/CE1804JP  
Simone Faustino/CE02133JP

**Fotos**  
Júnior Panella/CE00100RF  
Francisco Menezes

**Estagiários de Fotografia**  
Chico Célio  
Davi Pinheiro

**Direção de Arte**  
Diego Normandi

**Estagiários de Publicidade**  
Pedro Grangeiro

**Revisão**  
Maria das Dores de Oliveira Filgueira  
Sílvia Marta Costa

**Tiragem**  
5.000 exemplares

**Periodicidade**  
Bimestral

**CTP e impressão**  
Expressão Gráfica

## Caminhos da extensão

Um Projeto de Lei que tramita no Senado, de autoria do Deputado Federal Ariosto Holanda (PSB – CE), pode mudar o panorama das ações de extensão universitária no Brasil. Se aprovado, instituirá a criação de um fundo exclusivo para financiamento da área, com impacto que deve se estender por todas as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). Na reportagem de capa desta edição, *UP* toma essa possibilidade como ponto de partida para iniciar uma reflexão sobre os rumos e perspectivas da extensão nas universidades públicas, com destaque para a realidade da Universidade Federal do Ceará.

A análise traçada perpassa pelo olhar da Administração Superior da Universidade, que detalha para o leitor as especificidades do orçamento para extensão na UFC e das mudanças organizacionais ocorridas na respectiva pró-reitoria, que em março de 2011 deve concluir a atualização de seu sistema de informações *online*. O leitor também poderá conhecer um pouco mais sobre três projetos de extensão da UFC, cuja importância foi reconhecida através de premiação no XIX Encontro de Extensão, realizado durante os Encontros Universitários 2010.

Na matéria da repórter Lucintha Gomes, é feito um balanço de avaliação após a primeira experiência da UFC com seu novo processo seletivo, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). A Instituição foi a mais procurada do Brasil através do Sistema de Seleção Unificada (SiSU) do Ministério da Educação, contando com 118.221 candidatos. Após a divulgação dos resultados, o fato de que mais de 84% dos aprovados são residentes no Ceará tranquilizou a sociedade local, que temia a ocupação das vagas por estudantes de outros Estados.

Apresentamos ainda o trabalho do Grupo de Estudo e Pesquisa à Mulher Mastectomizada (Gepam), do Departamento de Enfermagem. A jornalista Hébelly Rebouças relata um pouco da trajetória do projeto, que dá suporte a uma organização sem fins lucrativos que visa à reintegração social e ao acompanhamento psicológico de mulheres que sofreram e sofrem com o câncer de mama. Trata-se do tipo de câncer que mais acomete as mulheres no Brasil, tendo registrado 49,2 mil casos no ano passado.

Com a proximidade do período carnavalesco, trazemos a oportuna discussão sobre um fenômeno que ocorre em Fortaleza neste período. Antes tida como cidade de descanso durante a folia momina, a cidade vive a efervescência da festa nas quatro semanas que antecedem a data. A repórter Cristiane Pimentel investiga as razões culturais que fazem o Pré-Carnaval da Capital cearense mais empolgante que o próprio Carnaval.

Na entrevista, está com a palavra Roberto Smith. Economista, professor da UFC e atual Presidente do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), ele analisa como gestor público e acadêmico o desempenho do Banco nos últimos anos, a importância do acesso ao crédito para o desenvolvimento regional, o crescimento econômico da Região Nordeste e muito mais.

Até a próxima edição, e que tenham todos uma ótima leitura!

**Simone Faustino**  
EDITORA UP



NOSSA CAPA

Montagem de  
Diego Normandi  
sobre foto de  
Júnior Panella

Compartilhando alegria

Arquitetura Diplomacia



## 16 CAPA

### O PODER DA EXTENSÃO

Responsáveis pelo intercâmbio da Universidade com a sociedade, as ações extensionistas poderão ter futuro ainda mais promissor, com a possibilidade de financiamento específico

## 7 ENTREVISTA ROBERTO SMITH

O Presidente do Banco do Nordeste do Brasil (BNB) avalia as ações da instituição nos eixos de desenvolvimento regional, cultura, microcrédito e empreendedorismo



## 22



### DADOS SECRETOS

Saiba em que escala o vazamento de informações sigilosas pelo site *Wikileaks* desequilibra as relações diplomáticas entre os países

## 32



### MAIS TREINAMENTO

Parceria entre UFC, FUNCAP e Secretaria da Segurança Pública visa ao desenvolvimento de um simulador virtual de tiro para a polícia local

## 27



### ESPERANÇA DE VIDA

Conheça projetos e pesquisas da UFC que estão devolvendo a mulheres mastectomizadas a perspectiva de recuperação

## 34



### PRÉ-CARNAVAL

A inusitada folia pré-carnavalesca em Fortaleza levanta questionamentos sobre a popularidade da programação ser maior que a do próprio Carnaval

## ENTREVISTA

por Paulo Mamede

### O acesso ao crédito como âncora do desenvolvimento

A maioria dos brasileiros inicia o ano de 2011 cheia de expectativas. Encerrada a era Lula, os olhos se voltam para a presidente eleita Dilma Rousseff e para os rumos que o País tomará nos próximos quatro anos. Marcas do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, a inclusão social e o desenvolvimento regional estão em pauta, contando com o reforço do impulso de crescimento que vive hoje a Região Nordeste. A conjuntura é ainda mais promissora para instituições como o Banco do Nordeste do Brasil (BNB), uma das mais atuantes em diversos segmentos da economia, como infraestrutura, financiamento de micro e pequenas empresas, empreendedorismo individual, microcrédito produtivo e microcrédito rural.

Natural de São Paulo (SP), o economista e docente da Universidade Federal do Ceará (UFC) Roberto Smith assumiu a presidência do BNB em fevereiro de 2003. Sob seu comando, o Banco saltou de R\$ 617,2 mil em operações contratadas no ano de 2002 para um volume de R\$ 21,4 bilhões em contratações em 2010. O montante ultrapassa em cerca de R\$ 550 milhões os valores do exercício anterior (2009). Com foco na superação dos resultados do ano passado, a expectativa do BNB é atingir, em 2011, a marca de 1 milhão de clientes no Crediamigo e 600 mil clientes no Agroamigo, seu equivalente rural.

Em entrevista a *UP*, o Presidente do Banco do Nordeste detalha e avalia o desempenho da instituição em seus principais segmentos estratégicos durante a atual gestão. Também perpassa, em seu discurso, os campos da pesquisa científica, da cultura, da inclusão social e da sustentabilidade, com a visão ambivalente e a experiência de quem é acadêmico (vinculado ao Departamento de Teoria Econômica da Universidade) e gestor público. Smith diz ainda que as lideranças nordestinas precisam participar mais da vida política nacional e que a Reforma Agrária no Nordeste poderia estar muito melhor. "O INCRA é inoperante", dispara.

ROBERTO SMITH



**UP – Em fevereiro de 2003, o senhor nos concedeu uma entrevista e destacou que o Banco do Nordeste teria interesse de trabalhar com a sociedade civil organizada, inclusive citando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) como exemplo. Quais resultados surgiram a partir dessa interação entre o BNB e os movimentos sociais?**

Roberto Smith – A interação com os movimentos sociais encontra-se, sobretudo, nas linhas de financiamento vinculadas ao Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), tanto na parte de assentamentos, que envolve o Pronaf A, onde há interveniência do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), como das interações envolvendo o Pronaf B, que chamamos, dentro da nossa metodologia, de Agroamigo. Este envolve toda uma inter-relação com os movimentos sociais, a sociedade organizada na área rural, e tem resultados muito razoáveis. Adiantaria que, em relação aos resultados do Pronaf A, direcionado aos assentados, os resultados são medíocres e isso decorre da ineficiência do INCRA, que é realmente um órgão inoperante. Ele é responsável por estruturar as operações para que possamos dar o crédito à população assentada e isso não vem ocorrendo, o que tem sido motivo de preocupação. Procurei o ministro do Desenvolvimento Agrário na época (Guilherme Cassel), explicando que poderíamos dar uma mão nisso e fazer com que nossa equipe, os agentes de desenvolvimento, ajudassem nessas contratações. Ele falou que o recurso é disponível e não está sendo aplicado por conta disso, o que achamos grave. A questão da reforma agrária poderia estar colhendo melhores resultados. No tocante às questões do Pronaf B, as coisas caminham bem e os resultados têm sido bastante razoáveis. Temos tido um crescimento nas operações contratadas, e eu salientaria que, para elas, não vale esse tipo de observação que fiz com relação ao Pronaf A.

**UP – Por que esse programa (Pronaf B) deu certo?**

RS – Porque a responsabilidade pela contratação é dos nossos agentes de crédito, enquanto a responsabilidade pela estruturação das operações do Pronaf A cabe ao INCRA, e lá elas se perdem. Apenas um exemplo pequeno: tivemos o caso de um estado – Sergipe – em que as contratações foram melhores porque aconteceu isso que o banco preconiza, de ter uma ação mais direta para levar o crédito a essa faixa. De qualquer forma, o Pronaf está fechando com bom resultado. Nossas aplicações, dentro de todo o espectro da atual gestão, atingiram R\$ 7,5 bilhões no total, em valores nominais, de 2003 a 2010. Na segunda parte do Governo Lula, aplicamos quase R\$ 4 bilhões e o nosso microcrédito rural (Agroamigo), nesse ano de 2010, cresceu bastante. Contratamos R\$ 443 milhões em 2009 e chegamos a R\$ 596 milhões em dezembro de 2010, sendo os dados ainda aproximados.

**UP – Falando nesse programa, em 2008, o BNB levou seu programa de microcrédito à Rocinha, uma das maiores favelas do Brasil, com mais de 60 mil habitantes. Qual a razão dessa iniciativa e de que forma se deu a entrada do Banco nas comunidades do Rio de Janeiro? Houve alguma estratégia específica? Quando poderemos mensurar os resultados?**

RS – Isso surgiu de uma conversa que tive com o Presidente Lula em uma viagem, na qual ele confessava sua preocupação com a falta de presença do Estado na área das favelas, sob o domínio do tráfico. Coloquei ao Presidente que, se fosse do desejo dele, nós poderíamos avançar com a instalação do microcrédito (o nosso Crediamigo) na área das favelas, e ele concordou. Existia uma entidade no Rio de Janeiro que tentava implantar o microcrédito nessas áreas e não conseguia. Nós fizemos uma associação com essa entidade e o programa está indo bem, a inadimplência é bastante

baixa. No começo, nosso pessoal foi com um pouco de temor, mas hoje as coisas estão indo muito bem. Nossas estratégias têm evoluído, e pensamos, inclusive, em extravasar, chegando a outros municípios da Baixada Fluminense. Já inauguramos um posto de microcrédito em São Gonçalo, que é do lado de Niterói. Esse é um programa de acesso ao crédito que poderia estar instalado por todo o Brasil.

**UP – Esse programa do BNB, nos últimos oito anos, foi considerado uma marca da instituição. Queria que o senhor apontasse o motivo.**

RS – Ele é uma âncora. Conversei com um consultor externo a respeito dessa visão mais estratégica do BNB, e a impressão dele era de que o Crediamigo funciona como uma âncora do Banco, projeta uma imagem. É claro que o Banco do Nordeste não é apenas um banco voltado para o pequeno, para a microfinança, mas, devido ao sucesso, o respaldo e o reconhecimento que o programa tem, sobretudo internacional, puxa a imagem do Banco. Isso esteve muito presente agora na mudança de marca, nessa visão de que nossas marcas deveriam estar um pouco mais entrosadas, para gerar uma imagem a partir daqueles segmentos que têm tido esse destaque. O principal talvez seja o Crediamigo, embora o Agroamigo (microcrédito orientado à área rural) não esteja ficando atrás. Estamos em um processo de crescimento muito intenso de toda a linha social do Banco do Nordeste: a microfinança rural e urbana, o avanço para a micro e pequena empresa, e introduzimos agora a figura do empreendedor individual. Temos um campo muito grande para crescer, e isso traz problemas que estão sendo enfrentados internamente, para a gente trabalhar e operar numa forma mais massiva. Devemos atingir, em 2011, cerca de 1 milhão de clientes no Crediamigo e 600 mil clientes no Agroamigo. Somos um Banco com um número restrito de agências (hoje são cerca de 180), que estão cada vez mais lotadas, pois estamos em um trabalho

**“Em relação aos resultados do Pronaf A, direcionado aos assentados, os resultados são medíocres e isso decorre da ineficiência do INCRA, que é realmente um órgão inoperante.”**

mais massivo. Isso significa que há a preocupação de espriar nossos pontos de atendimento e dar maior capilaridade ao Banco.

**UP – O BNB cresceu nos últimos anos, ao mesmo passo em que ações do Governo Federal foram ampliadas, em articulação para estender as políticas de inclusão social e de retenção do homem no campo. Há ainda uma parcela considerável da população que necessita desse apoio governamental para deixar a pobreza, que se mostra mais evidente no meio rural. Sendo um dos compromissos da Presidente Dilma Rousseff erradicar a pobreza até 2014, de que maneira o BNB pode contribuir de forma mais efetiva, além desses programas citados?**

RS – Tive uma conversa rápida com a Ministra Tereza Campelo (Ministério do Desenvolvimento Social), e o posicionamento é de que nossa abrangência ainda é bastante discreta. O Ministério do Desenvolvimento Social tem uma preocupação com a interface dos nossos programas e com a do Bolsa-Família. O Crediamigo tem uma interface de 30 e poucos por cento, o Bolsa-Família chega a 40% (na área rural até um pouco mais). O Governo está preocupado com uma faixa da população que ainda não está sendo atendida, por não ter acesso aos programas. O patamar de acessibilidade precisaria alcançar mais as camadas

envolvidas em maior miséria. Mas estamos dando uma ênfase maior ao setor formal, da micro e pequena empresa, porque percebemos a existência de um campo muito grande pra crescer, e os parâmetros de inadimplência junto a esse segmento têm sido muito baixos. O Banco está num processo de expansão de agências e postos de atendimento, notadamente onde existe maior demanda desse segmento de microcrédito. Estamos modernizando e automatizando procedimentos de análise de risco, para que o crédito possa sair mais rapidamente e possamos ter uma presença mais massiva nesse segmento de mercado de crédito.

**UP – A economia do Nordeste cresceu acima da média nacional nos últimos anos, impulsionada também pelos programas de transferência de renda do Governo Federal. A que velocidade estamos caminhando, para finalmente alcançar os níveis de desenvolvimento do País? O que deve ser feito para encurtar a distância entre o Nordeste e as demais regiões?**

RS – Acredito que o fato de o Nordeste ter crescido um pouco acima da média nacional ainda não evidencia um deslocamento decisivo. É um processo muito lento, apesar do extremo rigor que significou para uma pequena melhoria na distribuição de renda e na formação de um mercado interno. Percebemos isso claramente, que nós estamos dentro de uma situação de contingenciamento de recursos para investimento na Região. O Banco do Nordeste fechou aplicações da ordem de R\$ 21 bilhões no ano de 2010 e praticamente reproduziu as aplicações do ano de 2009, sendo que poderia ter aplicado muito mais. Não faltam recursos para o Banco do Nordeste, mas os recursos de longo prazo em termos do FNE (Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste), já estão praticamente comprometidos para o ano de 2011. Essa é uma situação grave, porque estamos passando por um momento de mudança na forma de estruturar os meios de financiamento

de investimentos. O Governo definiu as regras agora, no sentido de que os recursos para investimento serão trazidos em termos de canalização de poupança privada. Isso coloca bancos públicos e privados na mesma dimensão como organismos captadores de recursos para financiamento em longo prazo. O BNB está passando por uma mudança muito intensa para se adaptar a essa situação, o que significa que vamos operar concorrendo com bancos privados e dentro das mesmas condições, sem nenhuma prerrogativa a não ser o diminuto fundo constitucional. Também sem nenhuma prerrogativa por estarmos tratando do desenvolvimento regional, ainda afetado por uma enorme disparidade. Traduzindo em miúdos: falta uma orientação mais decisiva sobre desenvolvimento regional a partir da política nacional.

**UP – O senhor acredita que, com o peso político que o Nordeste demonstrou na última campanha eleitoral, a situação possa ser revertida pelo atual governo?**

RS – Acredito que não, porque o peso político nordestino ainda está muito ensimesmado, voltado para o próprio Nordeste, enquanto deveria voltar-se para uma participação mais efetiva na política nacional. Por outro lado, acho que há ainda velhos elementos que intensificam aqueles fatores de atraso político, algumas políticas mais conservadoras ainda se encontram presentes, ou seja, as lideranças políticas do Nordeste ainda operam muito pouco na política nacional.

**UP – Em quais setores estratégicos o BNB trabalha, em médio e longo prazos, para combater o desequilíbrio regional, ao ampliar o acesso ao crédito e distribuir renda?**

RS – Não adianta operar em setores estratégicos se não se tem recursos para aplicar neles. É assim com energia renovável, energia limpa e tudo o mais em que estamos apostando. Não há recurso. Tenho R\$ 5 bilhões aqui, mas não sei onde vou arrumar

recursos para o compromisso de financiá-los. O problema é mais de fundos. O que acontece no Nordeste, hoje, é a intensa movimentação de demanda de investimentos, mas não está equacionada ainda a sua forma. Nós temos aqui dentro do Banco setores voltados para o perfil da indústria tradicional, que tem avançado bastante; para os setores têxtil, de alimentos e muito mais. Também assistimos a todos os setores comerciais (leia-se aqui shoppings centers e estruturas de serviço ou comércio); a indústria pesada começando a se estruturar na produção de estaleiros; a indústria metalmeccânica e todo um aparato que começa a se formar para servir de apoio ao Pré-Sal e a outras formas de energia... Há um avanço daquilo que ficou estacionário em função do problema da falta de mercado interno.

**UP – O Banco tem recurso e não pode financiar?**

RS – Recursos de longo prazo estão escassos agora. O Governo mudou a orientação, dizendo que não vai mais haver recursos – no caso empréstimos – do Tesouro Nacional, como os que foram feitos pelo BNDES em 2010. O BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) recebeu quase R\$ 200 bilhões e nós, nada. Estamos abrindo outras perspectivas de recurso, através do BNDES, do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador) e do Fundo Constitucional, mas a demanda de investimento excede muito a isso. Estamos projetando um crescimento na taxa de investimento em relação ao PIB muito forte, mas ela ainda é muito baixa em relação ao Brasil. Há aqui uma questão não-equacionada em termos do que se faz em política nacional de cunho regional, para fazer com que haja um direcionamento mais rápido e uma equalização inter-regional para isso.

**UP – O apoio dado pelo BNB à pesquisa científica passou de 87 projetos, em 2002, para 513 projetos em 2009, sendo que a UFC abriga parte desses projetos. Como é pensado o fomento à pesquisa na instituição e de que forma as parcerias que o Banco mantém com as universidades con-**

**tribuem para essa política de desenvolvimento da região?**

RS – Esses pontos citados pelo ETE-NE (Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste) serviram para desmistificar aquela ideia de que não existia demanda por pesquisa no Nordeste. Nossa demanda por pesquisa serve-se muito dos recursos que são disponibilizados pelo Banco e o fato de isso ter sido desmistificado é importante. Acredito que nossos editais, na medida em que são construídos junto com as Pró-Reitorias de Pesquisa das universidades, evidenciam uma estruturação democrática, que espelha um conjunto de medidas colocadas pelas instituições que participam. Esse é o melhor denominador nesse processo de crescimento, que não é feito dentro de uma situação isolada, mas de uma construção conjunta com o meio universitário.

**UP – As universidades vêm se expandindo nos últimos anos não apenas nos centros urbanos, mas também no interior. O Banco está acompanhando a expectativa da expansão da produção científica nessas universidades fora dos centros urbanos?**

RS – O mais importante é que esses novos campi criados já aparecem como agentes demandadores de recursos, que nós disponibilizamos. Recentemente, aprovei uma série de solicitações vinculadas a alguns editais e percebi claramente que já há um atendimento forte direcionado a esses campi. Isso mostra que a política do Governo de expansão do ensino universitário público, gratuito e de qualidade, uma coisa pela qual a gente sempre brigou dentro da universidade, é uma realidade. Na reunião de ontem, já foi aprovado o orçamento dos nossos fundos para 2011, com um aumento da ordem de 20% sobre os recursos do ano passado. Esperamos a aprovação na próxima reunião do Conselho de Administração, para depois levá-lo à decisão da assembleia geral do Banco. São recursos subtraídos do resultado do Banco, e



**“Não entendemos a cultura como um meio de se apropriar de recursos e aplicá-los. (...) Somos um banco de desenvolvimento, e a alma do desenvolvimento é a cultura.”**

que cabem ao nosso acionista maior, o Governo Federal. Têm que ser entendidos como investimentos vinculados ao desenvolvimento regional na sua dimensão científica e tecnológica. Estamos com um orçamento previsto para o ano de 2011 de R\$ 36 milhões.

**UP – Outra questão que chamou atenção nessas duas gestões do Banco do Nordeste foi a cultura. Qual a visão do BNB sobre esse assunto, como produtor de inclusão, e que políticas o banco adota?**

RS – Acho que, dentro da questão da cultura, somos um Banco diferente. Dentro da estrutura bancária, não entendemos a cultura como um meio de se apropriar de recursos e aplicá-

los para que projete a marca do Banco, para que seja mais um elemento mercadológico na estrutura do Banco. Somos um banco de desenvolvimento. O desenvolvimento se faz com alma, e a alma do desenvolvimento é a cultura. Entendemos que os valores culturais constituem outros vetores do desenvolvimento regional sobre os quais nós atuamos e perpetramos. Todas as nossas ações culturais foram felizmente coetâneas ao panorama de cultura do Governo Lula, com a presença de Gil (Ex-Ministro da Cultura Gilberto Gil), de Juca Ferreira (também Ex-Ministro) e agora da nova Ministra Ana de Holanda, com a qual já tivemos a ocasião de conversar rapidamente. Ficamos felizes em perceber que o esforço empreendido pelo Banco do Nordeste dentro dessa concepção vem sendo entendido por todos aqueles que fazem a política cultural no País. Acho que se fez uma verdadeira revolução – há muito o que fazer, é claro – mas é uma mudança de visão. O panorama da cultura tem várias facetas que trabalhamos, e estamos visando hoje a uma maior aproximação com o Ministério, sobretudo dentro de alguns programas que entende-

mos como importantes. Partimos da construção de centros culturais mais vinculados às características regionais, o que tem sido um grande sucesso. Estamos com mais dois centros culturais sendo inaugurados: o Centro Cultural de Vitória da Conquista (BA) e o de Teresina (PI). Estamos trabalhando no de Fortaleza, que provavelmente deverá abandonar aquela área, pois o prédio foi vendido para a Justiça Federal. Estamos procurando um novo espaço para alocá-lo, um espaço não-adaptado, mas que seja bem formulado para essa finalidade. Por outro lado, finalmente começamos o que chamamos de “Espaço Nordeste”, espaços culturais construídos pelo Banco do Nordeste junto com entidades da sociedade organizada, em áreas onde não existe praticamente nada. São vinculados, principalmente, aos nossos programas de microfinanças e micro e pequenas empresas, para que eles tenham sustentabilidade. O primeiro desses espaços já está sendo um sucesso, e está sendo autossustentável na cidade de Pedro II, no Piauí. Estamos com projeto de avançar para mais 30, porque esses centros são autossustentáveis, não são

espaços apenas do Banco do Nordeste.

**UP – O senhor se considera um paulista trazido pela nordestinidade, ao vir para o Nordeste, cursar mestrado no CAEN (pós-graduação em Economia da UFC), a partir de uma vinculação forte com a questão da economia regional. Ingressou na carreira acadêmica, embora não tenha deixado de lado os projetos de consultoria. Como essa forma híbrida o ajudou na presidência do BNB? Quais as semelhanças entre ser um professor de economia e um gestor?**

RS – Sou um paulista que realmente teve atração pelo Nordeste, uma coisa meio atávica, meio do subconsciente que a gente não consegue dar conta. Sobre a conjugação da Universidade com o gestor, confesso que, quando fui convidado e aceitei esse papel, não tinha consciência da possibilidade de resultados tão importantes para a Região. Existem alguns fatores fundamentais, que considero responsáveis por uma gestão que pode ter errado no varejo, mas acertou no atacado. O maior acerto foi que nunca abdiquei dos valores de uma gestão democrática e de respeito aos funcionários, de valorização da sua capacidade, do seu potencial. ☺

# Enem na UFC: conquistas e desafios

Mesmo com um grande número de inscrições de todo o País, 84,45% dos classificados na primeira chamada do processo seletivo da UFC são candidatos residentes no Ceará. Foram 4.834 aprovados do Estado, do total 5.724 vagas

por Lucintha Gomes

A Universidade Federal do Ceará (UFC) ganhou evidência nacional ao ser a primeira grande Instituição Federal de Ensino Superior a adotar o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) como único critério de seleção, no lugar de seu Vestibular. Basta observar os números: a Instituição teve 118.221 candidatos, entre primeira opção e segunda opção, a maior quantidade de inscrições do Sistema de Seleção Unificada (SiSU). Além disso, a Universidade recebeu inscrições de todos os municípios cearenses. Vale lembrar que os candidatos participaram do exame sem que fosse necessário sair de suas cidades.

A surpresa é que, mesmo com um grande número de inscrições em todo o País, 84,45% dos classificados na primeira chamada são candidatos residentes no Ceará (4.834 de um total de 5.724). Dentre os aprovados, estão alunos

de 141 municípios cearenses. “Isso quer dizer que nosso estudante demonstrou excelente perfil de competitividade. Demonstrou ser bom estudante, uma vez que apenas 15,5% das vagas foram conquistadas por estudantes não residentes no Ceará”, comemora o Pró-Reitor de Graduação da UFC, Prof. Custódio Almeida.

Considerando o cenário nacional, ele destaca que a UFC tornou-se a Instituição mais procurada pelos estudantes e isso significa que ela tem um bom conceito. Entre as vantagens do Enem, ele cita a possibilidade de mais estudantes participarem da prova, que antes era aplicada apenas nos municípios onde a UFC tem campi (Fortaleza, Sobral, Quixadá e Juazeiro do Norte), exigindo o deslocamento de estudantes para outros municípios.

A prova é também mais acessível, já que alunos da rede pública podem se inscrever gratuitamente. “A universidade passa a ser um sonho mais próximo. O aluno pode fazer a prova na sua própria cidade”, vibra o Reitor da UFC, Prof. Jesualdo Pereira Farias, destacou, dentre as mudanças que a adesão ao Enem vai pro-

porcionar, a repercussão no modelo de ensino dos cursinhos e escolas de Ensino Médio. “Nós vamos sentir esse impacto daqui a dez anos. Acho que o Enem traz um ganho maior do que qualquer outra política, porque traz um estudante com outro perfil, um perfil mais crítico, e não de conteúdo”, argumenta.

Na mesma oportunidade, ele anunciou que em 2012 serão oferecidas ao todo 6.200 vagas, o que representa um aumento de 8,31% na oferta em relação à seleção deste ano, que ofertou 5.724 vagas nos cursos convencionais, todos via SiSU.

Com relação à carência do aluno que vem de outras localidades para morar em um dos municípios onde ficam os campi da Instituição, ele garante que, em 2011, a UFC oferecerá 3.700 bolsas, em diversas modalidades. “São mais de 15 milhões de reais só para bolsas”, avisa. O investimento demonstra o interesse da Universidade em receber alunos de outras localidades, atendendo a uma das premissas do SiSU, que é a mobilidade. “Seria bom que tivéssemos uma mobilidade em torno de 20%”, afirmou.

Conforme o dirigente, o Enem e o SiSU ainda precisam ser descentralizados. Na opinião dele, é necessário haver várias provas do Enem, ao invés de uma só, para que os exames sejam realizados por Regiões ou Estados, envolvendo mais as universidades locais na logística e na fiscalização, para evitar os problemas que vêm ocorrendo.

“Infelizmente, hoje o debate está em uma questão meramente operacional (problemas registrados durante a inscrição no SiSU). Nos mais de 50 anos de realização do Vestibular tradicional, nós sempre tivemos problemas. Como podemos exigir que agora não tivéssemos?”, questiona Farias. Ainda assim, ele defende que isso não exime o MEC de aperfeiçoar o sistema.



Após divulgação dos resultados no SiSU, cearenses são maioria na UFC. Acima, estudantes são recepcionados na primeira chamada de matrícula

## Teoria de Resposta ao Item

O Enem adota um modelo de avaliação baseado na Teoria de Resposta ao Item. Segundo o Coordenador de Avaliação Institucional da UFC, Prof. Wagner Bandeira Andriola, a TRI tem como fundamento medir as competências, maximizar a probabilidade de escolher os melhores candidatos. Além disso, tem o objetivo de distinguir os candidatos conforme o grau de aprendizagem, de modo a garantir a meritocracia.

“As mudanças deverão acarretar melhorias substanciais no processo seletivo e no perfil dos novos universitários. O Enem permite minimizar injustiças na seleção”, defende Andriola. Como ele explica, ao ser adotado como critério único de seleção, o exame propicia a seleção de candidatos que demonstrem mérito em estar no espaço universitário, isto é, alunos que comprovaram ter desen-

volvido as competências e habilidades testadas pelas provas aplicadas.

O Pró-Reitor Custódio Almeida defende ainda que o Enem adota a melhor metodologia possível, já que avalia habilidades e competências. “Não é um método conteudista. Em função das questões do Enem, é possível medir o nível de atenção, a habilidade e conhecimento dos alunos”, argumenta.

Outro mérito do exame, apontado pelo Prof. Custódio, é a possibilidade de ter um retrato do Ensino Médio, proporcionando uma visão sistemática, unificada, descobrindo fragilidades. Por isso, o ideal seria que todas as universidades adotassem o Enem. “Nós fomos a primeira grande Universidade a manifestar interesse na mudança do processo seletivo”, enfatiza.

# O mar e seus saberes

Com meio século de vida, o Labomar tende a se expandir ainda mais diante de grandes projetos públicos como o Pré-Sal e o Acquário do Ceará. A criação da Secretaria Estadual da Pesca também dará novo fôlego ao Instituto



O Vestibular tradicional em duas fases foi substituído pelo Enem, adotado como fase única de seleção

- Durante o período de inscrição, o candidato pode alterar suas opções. É considerada válida a última inscrição confirmada. Ao final da etapa de inscrição, o sistema seleciona automaticamente os candidatos melhor classificados em cada curso, de acordo com suas notas no Enem 2010.

## NÚMEROS DA SELEÇÃO

- A UFC teve 118.221 inscritos, entre primeira opção e segunda opção, a maior quantidade de inscrições do SiSU;

- Houve inscrições de todos os 184 municípios cearenses;

- Dentre os aprovados, há estudantes oriundos de 141 dos 184 municípios do Ceará;

- Foram contabilizadas inscrições e aprovados de todos os estados da Federação e do Distrito Federal;

- 84,45% dos classificados na primeira chamada são do Ceará (4.834 de 5.724);

- 93,96% dos classificados na primeira chamada são do Nordeste ou Norte (N/NE) (5.378 de 5.724);

- 73 candidatos foram da Região Norte;

- Apenas 4,6% dos classificados na primeira chamada são do Sul/Sudeste (263 de 5.724);

- 43 das 50 maiores notas dos classificados são de candidatos do Ceará;

- 72 das 100 maiores notas dos classificados são de candidatos do Ceará;

- 299 das 500 maiores notas dos classificados são de candidatos do Ceará;

- 61,83% dos classificados foram selecionados através de primeira opção.

## Críticas

Por outro lado, o diretor de movimentos sociais do Diretório Central de Estudantes da UFC (DCE), Germano Correa, sustenta críticas ao novo modelo de seleção. Entre os problemas, ele cita que o SiSU beneficia as escolas do ensino particular, ao nacionalizar a concorrência entre escolas particulares e públicas. Segundo ele, os custos de mudar de Estado para cursar uma graduação são altos e, por isso, apenas alunos da rede particular se beneficiariam com o SiSU. Além disso, ele critica a prova única, que, na opinião dele, fere a autonomia universitária e não engloba conteúdos regionais, como História e Geografia do Ceará.

Ele cita ainda que a aprovação de 84,45% de estudantes residentes no Ceará na UFC pode até dar uma ideia de que poucos alunos de outros estados foram aprovados. Mas ele pondera que, considerando o total de vagas, 15,55% corresponde a um grande número de estudantes vindos de outros locais do Brasil. "Um dos cursos mais concorridos, Medi-

cina, teve uma porcentagem maior de alunos de outros Estados. Aí entra o que a gente temia: alunos de fora 'roubam' vagas dos estudantes cearenses", critica.

## Sobre o SiSU

- É um sistema informatizado, gerenciado pelo Ministério da Educação, por meio do qual as Instituições Públicas de Ensino Superior participantes selecionam novos estudantes exclusivamente pela nota obtida no Exame Nacional de Ensino Médio (Enem).

- O processo seletivo do SiSU começou a ser realizado ainda em 2010. Na edição deste ano, selecionou candidatos a vagas para ingresso em cursos no primeiro semestre e, em algumas instituições, também para o segundo semestre de 2011.

- Ao efetuar sua inscrição, o candidato escolhe, por ordem de preferência, até duas opções nas vagas ofertadas pelas instituições participantes do SiSU.

Comemorados os 50 anos de sua fundação em dezembro do ano passado, o Instituto de Ciências do Mar (Labomar) da Universidade Federal do Ceará se prepara, agora, para iniciar uma nova fase. Com a recente criação da Secretaria da Pesca, pelo Governo do Estado do Ceará, a Unidade Acadêmica deverá ampliar seu link com o poder público, o que na prática significa contribuir ainda mais para o desenvolvimento do Estado. Entre as demandas previstas, está o incremento das atividades de pesquisa e extensão na área de aquicultura de peixes marinhos, um dos filões do setor pesqueiro mundial. "O futuro da pesca não é mais a pesca, não é mais entrar no mar e pegar o peixe, mas sim cultivá-lo", ressalta o então diretor do Labomar, Manuel Andrade Furtado, agora Secretário-Adjunto de Pesca do Estado.

O próprio titular da Secretaria da Pesca, Flávio Bezerra, já declarou que um dos carros-chefes da pasta será mesmo o setor de aquicultura, que se refere à criação de pescados em cativeiro, que evita a pesca predatória, possibilita o incremento da produção e, por isso, representa um importante componente da economia cearense.

Embora o Brasil seja um dos países com maior potencial pesqueiro, ainda ocupa a 25ª posição no ranking dos maiores produtores. Atualmente, a prática é até bastante comum na produção de tilápia e camarão, por exemplo. Entretanto, de acordo com o ex-diretor, o próprio Labomar já desenvolveu tecnologias para a produção de outras espécies, sobretudo os peixes vermelhos, de água salgada. Boa parte do conhecimento neces-



A estrutura didática do Labomar conta com dois barcos-escola. No detalhe, o Reitor Jesualdo Farias e o Ministro Altemir Gregolin batizam a nova embarcação

sário à expansão da prática já existe no Centro de Estudos Ambientais Costeiros do Labomar (Ceac), que é o único do Brasil a fazer a reprodução de ariacós em cativeiro. Mas os desafios ainda são inúmeros. Um deles consiste na transferência da tecnologia para os pequenos produtores cearenses e na formação de mão-de-obra especializada, através de projetos de extensão em parceria com o Estado. "A ideia é que, no futuro, possamos ter o que se chamaria de piscicultura familiar. Pensamos um pacote tecnológico para que, daqui a dez anos, toda a comunidade pesqueira tenha seu próprio cultivo", prevê Manuel Furtado.

Intensificar estudos que visem à sustentabilidade ambiental da aquicultura no semiárido também está na pauta de demandas do Instituto. "O Labomar tem uma série de pesquisas para reduzir impactos ambientais. Podemos colaborar com isso. Mas a Secretaria da Pesca tem de estar junto com a Superintendência Estadual do Meio Ambiente (Semace), para que a produção não seja prejudicada", opina.

## Comemorações

O futuro do Labomar é promissor, inclusive com a proposta de criação de um novo curso de graduação em Engenharia Naval. As perspectivas de crescimento são ainda maiores diante de grandes projetos públicos, como a exploração da camada Pré-Sal (que exigirá grandes esforços por formação de técnicos e pesquisadores) e a construção do Acquário do Ceará.

Entretanto, o andamento das novidades e o bom desempenho do Labomar no enfrentamento desses desafios futuros dependerá, em parte, da expansão física do Instituto, que hoje funciona no bairro Meireles, em Fortaleza. Atualmente, a estrutura de ensino e pesquisa conta com salas de aula para atividades didáticas e mais 18 laboratórios disponíveis, além de dois barcos-escola. Um deles, o "UFC", foi batizado ainda no fim do ano passado pelo ministro da Pesca e Aquicultura Altemir Gregolin, como parte das comemorações dos 50 anos do Labomar.

# A Universidade mais perto

*Presentes em todos os municípios do Ceará, as ações de extensão da Universidade crescem continuamente e apresentam expectativas otimistas para os próximos anos*

por Simone Faustino

Imagine que você está andando pela rua e alguém lhe aborda com a seguinte indagação: qual o impacto da Universidade Federal do Ceará em sua vida? A depender da sua relação com a Instituição, são muitas as possibilidades de resposta. Ensino gratuito, produção de conhecimento, capacitação nos mais diversos níveis, acesso à saúde pública e oferta de cursos de idiomas são apenas algumas das opções contempladas pelo campo da extensão, que é responsável por estabelecer a relação da Universidade com a sociedade, estendendo suas atividades às mais diversas camadas da população.

Articulado com o ensino e a pesquisa no tripé do processo educativo, esse campo mantém a Universidade em sintonia com as demandas sociais, culturais e tecnológicas externas à academia. Assumindo esse papel, a UFC está apta a contribuir, de forma efetiva, para o desenvolvimento da sociedade em seu entorno. Como todas as atividades de uma instituição de ensino, também a extensão precisa assegurar orçamento para não parar. O Senado Federal discute, atualmente, a aprovação de um Projeto de Lei que institui a criação do Fundo de Extensão da Educação Profissional (FEPEP), que destinará recursos às universidades públicas e Institutos Federais para a execução de ações extensionistas.

O PL 120 é de autoria do Deputado Federal Ariosto Holanda (PSB - CE) e, se aprovado, agregará um total de recursos da ordem de R\$ 300 milhões, provenientes da realocação de 1,5% das verbas do Fundo de Apoio ao Trabalhador (FAT) e de 5% do Fundo Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT). “O projeto sugere que o Executivo crie um Conselho Gestor do fundo, para apreciar, aprovar e liberar os recursos referentes aos projetos específicos das instituições demandantes”, esclarece o deputado Ariosto Holanda. Para o parlamentar, a iniciativa deverá beneficiar a população sem qualificação profissional e as micro e pequenas empresas, que não conseguem inovar para concorrer no mercado de produtos ou serviços.

“Estima-se que a população na faixa etária de 15 a 64 anos é de 130 milhões de brasileiros e, desses, 60 milhões são analfabetos funcionais, que não conseguem entrar nesse mercado de trabalho que exige formação. Por sua vez, a mortalidade das micro e pequenas empresas é muito elevada, pois elas estão distantes de quem detém o conhecimento, como as universidades e os institutos”, explica o político.

## Alcance inegável

A falta de recursos assegurados sempre foi o maior “calo” da área de extensão. Normalmente excluída da matriz de financiamento das universidades, acaba sendo bancada por recursos que farão falta nos âmbitos do ensino e da pesquisa. Em um período mais recente, tornou-se possível arrecadar recursos através de editais e por contratação direta do setor privado. Diversos órgãos do Governo Federal, como os Ministérios da Saúde e da Educação, já dispõem de programas específicos de extensão com financiamento assegurado.

De acordo com o Reitor da UFC, Prof. Jesualdo Pereira Farias, o PL 120 consiste em um avanço significativo, especialmente no momento em



Prof. Antonio Salvador: momento mostra uma extensão mais sólida e indissociável do ensino e da pesquisa

que as instituições públicas de ensino consolidam a sua expansão para o Interior do País. “Os recursos para as atividades de extensão serão importantes para o desenvolvimento regional e para motivar os jovens estudantes a participarem mais de projetos de extensão”, aponta. Mas o dirigente salienta que os financiamentos nunca serão suficientes para atender à demanda crescente, sobretudo com o processo de interiorização, daí a importância de se obter parceiros nas esferas pública e privada.

Apesar das dificuldades, o alcance das ações de extensão da UFC impressiona. Suas atividades beneficiam 493 mil pessoas diretamente e 1 milhão e 600 mil indiretamente, em todos os 184 municípios do Estado. A relevância pode ser ainda maior, já que somente no segundo semestre de 2010 foi iniciado um processo de informatização dos dados da extensão, que até então eram obtidos e armazenados de forma manual. O Sistema de Informação da Pró-Reitoria de Extensão da UFC (SINPREX) deve estar atualizado até março deste ano.

“Somos uma das primeiras universidades do Brasil a realmente

informatizar as ações de extensão. As informações ainda são limitadas, mas temos condições de registrar as ações de extensão e os seus resultados com muito mais precisão e agilidade. Em 2011, estaremos realizando um processo de validação dessas informações e visitaremos todos os projetos *in loco*, para atualizar o banco de dados”, afirma o Prof. Antonio Salvador da Rocha, Pró-Reitor de Extensão da UFC.

Para o Reitor, o desempenho da extensão na UFC é sentido e valorizado pela sociedade. “Muitos desses projetos têm recebido reconhecimento nacional através de premiações e publicações de alto impacto. É difícil destacar ações dentre tanta diversidade de programas”, admite. Contudo, o Prof. Jesualdo adianta uma das últimas empreitadas da UFC: “no momento, estamos trabalhando na formatação de um projeto junto ao Governo do Estado do Ceará, para melhorar o Ensino Médio público, tendo como referencial o novo processo de acesso ao Ensino Superior público, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)”.

Os principais parceiros da extensão universitária na Instituição são



FOTO: Arquivo do projeto

os Ministérios de forma geral, que têm recebido grande demanda através de projetos e editais. Também são apoiadores constantes o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o poder público estadual (Secretaria da Educação, da Ciência e Tecnologia, da Cultura e do Desenvolvimento Agrário), além do Banco do Nordeste do Brasil (BNB). Na iniciativa privada, os recursos vêm de duas fontes: grandes grupos empresariais locais e micro e pequenas empresas. “Temos avançado muito nos últimos anos, principalmente porque estamos harmonizados, sinal de que foi superada certa rivalidade que havia com a pesquisa. Percebeu-se que não é possível separar o tripé ensino, pesquisa e extensão. Nossos projetos mostram que estamos maduros e que a extensão está mais sólida”, analisa o Pró-Reitor de Extensão.

É claro que ainda há muito a avançar em diversas áreas. Atualmente, a maioria dos projetos é viabilizada graças à dedicação voluntária de professores e alunos. As bolsas de extensão (que hoje totalizam 700) ainda não são suficientes, mas foi cumprida a meta de conceder pelo menos uma bolsa para cada um dos projetos cadastrados no ano passado. “Precisamos potencializar nossa presença na elaboração, implementação e avaliação de políticas públicas. A Universidade pode contribuir muito mais do que já contribui hoje”, avalia o Prof. Antonio Salvador.

Dentre as novidades deste ano, está a transformação de projetos de extensão em disciplinas do currículo da graduação. O aluno será avaliado pelo seu desempenho dentro do projeto, ou seja, vai poder ir para o campo e aprender mais fora do ambiente da sala de aula convencional. “Alguns projetos, como o Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC) e o Projeto Rondon, já funcionam nesse contexto. Queremos estender a todas as áreas”, completa o Pró-Reitor.

Sobre o PL 120, o Prof. Salvador analisa que o deputado Ariosto Ho-



O grupo Verso de Boca apresentou, em outubro de 2010, o espetáculo “Poesia Popular Brasileira” no Teatro Morro do Ouro, anexo do TJA

landa enfatizou o potencial extensionista dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, mas as universidades já fazem isso há tempos. “O problema é que temos uma dificuldade enorme de divulgar tudo o que fazemos. Algo que ajuda muito é usar o mesmo aparato da divulgação científica: os veículos institucionais da Universidade”, sugere.

No tocante a orçamento, o Ministério da Educação informou a UP que os projetos da sua Secretaria de Educação Superior (SESu) voltados à extensão atualmente são o Programa de Extensão Universitária (PRO-EXT), com verba de R\$ 35 milhões para 2011, e o Programa de Educação Tutorial (PET), com previsão de recursos de R\$ 65,8 milhões. Além desses, parte do orçamento repassado pelo MEC às universidades federais pode ser utilizado para custeio de atividades de extensão.

A matriz de financiamento atual da extensão na UFC divide-se em: contrapartida não-financeira da UFC, que é a infraestrutura e os recursos humanos da Universidade (R\$ 33 milhões); contrapartida financeira

da UFC (R\$ 200 mil); contrapartida não-financeira de parceiros (R\$ 600 mil); contrapartida financeira de parceiros (R\$ 4 milhões e 600 mil); recursos a captar (R\$ 5 milhões) e cobrança de taxas pelos eventos e cursos de extensão. “No total, o orçamento não chega a R\$ 40 milhões. Mas esses valores não são muito exatos, porque ainda há projetos que precisam atualizar informações”, informa o Prof. Antonio Salvador.

#### Ação reconhecida

Em 2010, a Universidade se reuniu pelo 19º ano consecutivo para trocar experiências sobre a área. O XIX Encontro de Extensão foi realizado de 20 a 22 de outubro do ano passado, dentro da programação dos Encontros Universitários. Dos mais de 3.500 trabalhos apresentados durante os Encontros, 617 foram relacionados a projetos e programas de extensão. Ao final do evento, dentre os trabalhos submetidos, nove foram premiados, nas áreas temáticas de Arte, Comunicação, Cultura, Direitos



Nove trabalhos sobre extensão foram premiados, dentre os mais de 600 que foram apresentados nos Encontros Universitários 2010

Humanos, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Trabalho.

Um dos agraciados foi o Laboratório de Psicologia Ambiental (Locus), do Departamento de Psicologia. O grupo apresentou o projeto “Nas Trilhas da Psicologia Ambiental”, cujo objetivo é promover trilhas urbanas e ecológicas com os estudantes desse e de outros cursos, para enfatizar a perspectiva do trabalho de campo em várias áreas do saber, com foco no universo ambiental.

A coordenação fica a cargo da Profª Lúcia Siebra, com apoio da Profª Zulmira Bonfim. A equipe é completada por quatro estudantes de graduação dos cursos de Psicologia e Pedagogia. Temas como educação ambiental, preservação e recursos naturais, espaço público, história, pesquisas sobre o ambiente urbano e até arquitetura já foram discutidos nas trilhas. “O projeto desenvolve ainda outras atividades de extensão, como a trilha realizada com alunos recém-ingressos do curso de Psicologia, na qual se favorece o reconhecimento do espaço da Universidade e dos equipamentos existentes no Campus

do Benfica”, relata a estudante Tauanaia Nogueira, uma das bolsistas do Locus.

Para os membros do projeto, o amadurecimento da proposta e a ampliação dos seus objetivos durante os três anos de existência foram decisivos na hora na premiação. O Laboratório executa outros quatro projetos de extensão e orgulha-se dos bons resultados. “A interdisciplinaridade vivenciada pelos participantes é de grande importância para que as trilhas sejam cada vez mais bem sucedidas”, ressalta Tauanaia.

#### Respirando poesia

Saindo da temática do meio ambiente e ingressando na da cultura, chegamos a um projeto de extensão que completa em 2011 uma década de existência e também foi um dos premiados no XIX Encontro de Extensão. O grupo Verso de Boca deu seus primeiros passos em 1999, no Departamento de Literatura da UFC, a partir de uma experiência do Prof. Roberto Pontes no Rio de

Janeiro, intitulada “Poesia Simplesmente”. Desde 2001 o projeto reúne estudantes de Letras para levar a beleza da poesia aos mais diferentes olhos e ouvidos.

O Verso reúne os alunos Camila dos Santos, Milene Peixoto, Leonildo Cerqueira, Thais Loiola, Daniel Pereira, Tatiana Pessoa e Edson Silva, sob a tutoria dos professores Roberto Pontes e Elizabeth Dias. A finalidade é propagar o gosto pela poesia de todos os lugares e épocas, formar público leitor e sensibilizar plateias. O projeto já soma uma série de apresentações em importantes espaços culturais da cidade, como Bienal Internacional do Livro do Ceará, Teatro SESC Emiliano Queiroz, Teatro José de Alencar e Teatro Morro do Ouro.

“O Verso de Boca leva a poesia aos mais distintos públicos e desperta valores como sensibilidade e humanidade, que nos fazem crescer como pessoas. Sempre nos apresentamos na semana de recepção dos calouros de Letras, em lançamentos de livros de poesia, eventos da Universidade e escolas da rede pública”, conta Tatiana Pessoa, participante do grupo desde 2008. “Estava indo para o terceiro semestre quando a Tatiana me mostrou como era o projeto e falou que eu poderia ter jeito para a coisa. Entrei e hoje continuo apaixonada, pois a poesia é uma coisa da qual a gente não consegue se libertar”, descreve a estudante Thais Loiola, que ingressou na turma em 2009.

Seus dois espetáculos mais recentes foram “A Poesia do Brasil Mestiço” (2008) e “Poesia Popular Brasileira” (2010). Em novembro do ano passado, o grupo se apresentou no Festival Carioca de Poesia, na cidade do Rio de Janeiro. Para 2011, já estão previstas apresentações da segunda montagem em escolas públicas e no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, esta última ainda sem data definida.

Entre as próximas atividades, está sendo articulada pelos participantes a reapresentação de uma temporada de “Poesia Popular Brasileira” em lo-



Através do Projeto Y, estudantes de Medicina, Enfermagem e Psicologia levam alegria a pacientes internados em diversas instituições

cais como o Theatro José de Alencar, Centro Dragão do Mar, Centro Cultural Banco do Nordeste e, quem sabe, em palcos de outros Estados e até países, porque não tem coisa mais bonita que sonhar com o além-mar.

#### Motivo para sorrir

Outro contemplado na premiação do XIX Encontro de Extensão foi o Projeto Y de Riso, Sorriso e Saúde, ligado à Faculdade de Medicina, mas que também agrega acadêmicos dos cursos de Enfermagem e Psicologia. Coordenado pela Prof<sup>a</sup> Maria de Fátima Vitoriano de Azevedo, do Departamento de Saúde Materno-Infantil, a iniciativa conta ainda com orientação da Prof<sup>a</sup> Márcia Maria Tavares Machado, do Departamento de Saúde Comunitária, e capacitação artística do médico Allan Denizard, ex-participante do projeto. Desde 2005, o grupo vem incentivando estudantes da área de Saúde a utilizar a sensibilidade, o riso e a alegria como ferramenta de cura.

Dentre suas ações, o grupo promove visitas diárias às enfermarias pediátricas do Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC) e do Insti-

tuto do Câncer do Ceará (ICC). Visitas programadas são realizadas ainda no Hospital Infantil Albert Sabin e no Abrigo Tia Júlia. Em cada uma delas, alguns elementos estão sempre presentes: o rosto pintado, o nariz de palhaço e a descoberta de uma nova relação médico-paciente.

“O Projeto Y é uma oportunidade ímpar de o aluno sentir e vivenciar os sentimentos, a dor e a alegria de estar vivo, de poder servir. E também de perceber o que o outro sente, ao estar doente em uma enfermaria, longe dos seus e sendo submetido a exames, à espera de um diagnóstico que às vezes pode ser sombrio”, explica a Prof<sup>a</sup> Fátima Azevedo. Para ela, uma das razões da premiação está no fato de o projeto cumprir bem a função da extensão, ao trabalhar diretamente com as pessoas, usando conhecimentos científicos e humanísticos.

Segundo a coordenadora, os planos para 2011 incluem continuar as atividades cotidianas e desenvolver um livro-relato com as vivências do projeto. E tem mais: “Quem sabe receber pós-graduandos interessados em desenvolver pesquisas sobre o Projeto Y?”, vislumbra. Pois coloquemos os narizes de palhaço, e mãos à obra. 

#### NÚMEROS DA EXTENSÃO

O Sistema de Informação da Pró-Reitoria de Extensão da UFC (SINPREX) reúne dados de 1.161 projetos cadastrados. Conheça algumas informações do banco de dados que está sendo formado:

– Foram ofertadas para 2011 700 bolsas de extensão, exclusivas para alunos regularmente matriculados nos cursos de graduação da UFC.

– Em 2010, foram executadas cerca de 700 ações extensionistas, desenvolvidas em todos os 184 municípios cearenses.

– Aproximadamente 7 mil alunos dos diversos cursos de graduação e de pós-graduação da Universidade estão vinculados a projetos de extensão.

– As ações extensionistas da UFC beneficiam 493 mil pessoas diretamente e 1 milhão e 600 mil indiretamente.

– Quanto ao número de ações de extensão aprovadas ou aguardando aprovação, os campi do Interior só têm crescido. No Cariri são 137, em Sobral há 99 e Quixadá já possui oito.



## A UFC em pauta você confere no programa UFCTV.

Todo domingo, às 12h30min, na TV Ceará;  
reprise às terças, 19h.\*

# Fofoca mundial

O futuro da diplomacia é posto em xeque com a publicação, pelo site Wikileaks, de dados e documentos considerados sigilosos

Imagine o que aconteceria caso todos os e-mails trocados entre você e seus amigos fossem parar nas mãos de um desconhecido. Esse resolve não apenas ler as correspondências, mas publicá-las na internet. A situação aconteceu de verdade, não com um indivíduo comum, mas com a mais poderosa nação do planeta: os Estados Unidos. No fim do ano passado, mais de 250 mil documentos e telegramas sigilosos da diplomacia norte-americana vazaram para a *web*, através do site *Wikileaks*. Assim, o mundo inteiro passou a conhecer detalhes – nem sempre positivos – de como o país se relaciona com os demais. As consequências desse fato ainda podem estar por vir.

A Casa Branca ficou nervosa e alegou que a revelação de dados secretos compromete o equilíbrio das relações internacionais. O fundador do site responsável, o australiano Julian Assange, está sendo indiciado e foi chamado de “ciber-terrorista”. Tudo isso porque conseguiu desnudar a até então “asséptica” e “imaculada” diplomacia mundial, expondo alguns países e criando um clima de desconfiança entre as nações.

Há informações curiosas. Assange publicou telegramas nos quais os Estados Unidos comentam uma suposta “paranóia” do Brasil em relação às entidades estrangeiras que atuam na Amazônia. Em outra correspondência

vazada pelo *Wikileaks*, o presidente da França, Nicolas Sarkozy, é acusado de usar a popularidade de sua esposa, a cantora Carla Bruni, para facilitar transações comerciais entre França e Brasil. Em outro documento, a Rússia é chamada de “Estado mafioso”.

Para um dos pesquisadores do Observatório das Nacionalidades da Universidade Federal do Ceará, Sued Lima, a tendência é que o problema logo caia no esquecimento. “Os danos na imagem deste ou daquele país até podem ter existido, mas não são permanentes”, aposta. Já o professor de relações internacionais da Universidade de Brasília (UnB) e presidente da Associação Brasileira de Relações Internacionais, Flávio Sombra Saraiva, afirma que “as linguagens usadas nas correspondências e as anotações de embaixadores dos EUA no Brasil são normais e muito semelhantes ao padrão da própria diplomacia brasileira. Não há novidade para quem trabalha, há anos e décadas, com esse tipo de material”, argumenta.

Conforme acrescenta o professor de Direito Internacional da UFC Newton Albuquerque, a força dos Estados Unidos no xadrez mundial acabará se sobrepondo ao mal-estar momentâneo causado pelos vazamentos. “Não creio que haverá mudanças significativas quanto às relações diplomáticas entre os Estados. Entretanto, torna-se ainda mais

evidente a distância entre as declarações retóricas das autoridades das grandes potências e seus atos ou condutas concretas”, diz.

Embora os pesquisadores não prevejam efeitos consideráveis sobre a cartilha da diplomacia, uma consequência é tida como certa: deverá haver reforço no sistema de segurança das informações de todo o mundo. O governo dos Estados Unidos já ordenou a suas agências a revisão dos seus esquemas de segurança, para identificar pontos vulneráveis e evitar novos vazamentos.

## Transparência radical

Ao furar o bloqueio norte-americano e conseguir acesso a milhares de telegramas secretos, Julian Assange levantou uma nova questão: afinal, o mundo não teria o direito de saber o que se passa nos bastidores dos tratados internacionais e de que forma são costurados os acordos entre países? Desde que os vazamentos do *Wikileaks* vieram à tona, discute-se com mais intensidade o polêmico conceito de “transparência radical”.

O tema é controverso e, além disso, questionam-se os métodos do dono do *Wikileaks*, que vem sendo acusado de espionagem e sabotagem, bem como outros crimes. Os especialistas ouvidos pela reportagem de *UP* foram quase unânimes ao afirmar que é preciso dar mais transparência às informações relacionadas à política externa, tal como se prega em outras áreas do poder público.

“É importante para mim, cidadão, saber o ponto de vista do meu governo e seus representantes sobre determinados temas em debate no mundo. Assange está correto nas posições dele”, defendeu o Prof. Sued. Assim como ele, o Prof. Newton Albuquerque afirmou que a bandeira da transparência é mais compatível com valores republicanos e democráticos do mundo atual. Entretanto, há de se ponderar alguns aspectos.

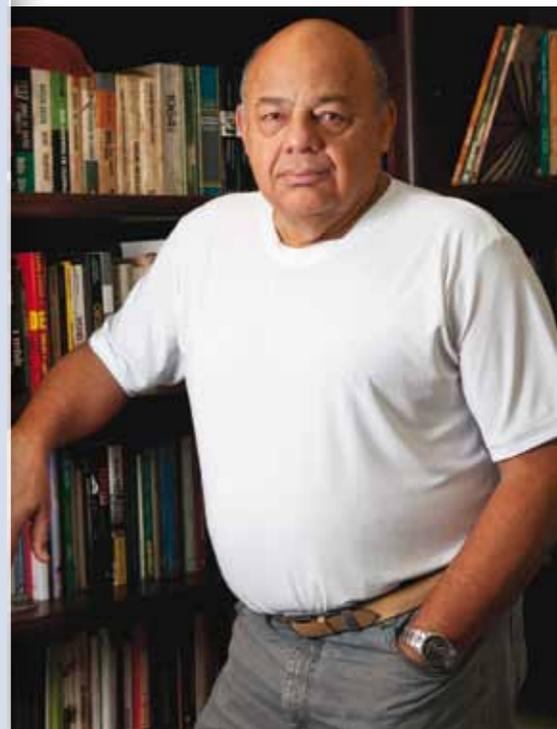
Conforme lembra Sombra Saraiva, que também é professor do Instituto

Rio Branco (escola de preparação dos diplomatas do Itamaraty), o conceito de transparência radical idealizado por Assange é difícil de ser alcançado. “Nem o *Wikileaks* é transparente. Que critérios estariam sendo usados para a distribuição das correspondências diplomáticas, que são muito poucas e menos importantes que as que certamente eles têm guardadas? Não há inocentes e pecadores no mundo da informação”, avalia o pesquisador.

## Simulação e debate

Os prós e contras da “transparência radical” e os possíveis efeitos do caso *Wikileaks* na diplomacia mundial deverão estar no centro das discussões da edição de 2011 da Simulação da Organização das Nações Unidas (SONU), evento realizado há cinco anos por estudantes de Direito e de Comunicação Social da UFC. Durante quatro dias, os participantes encarnam diplomatas de dezenas de países, com direito a vestuário especial e até comunicação em inglês. Na programação, dividem-se em comitês temáticos e, assim como ocorre de verdade na ONU, procuram resolver questões polêmicas e fechar acordos, de modo a contemplar os interesses coletivos e de cada nação.

De acordo com o secretário-geral da SONU 2011, o estudante de Direito Thales Veras, a proposta para este ano é fazer uma discussão sobre a violação de documentos sigilosos e as possíveis consequências disso. “É um tema novo, polêmico, que nunca havia sido debatido. Eu mesmo tenho duas opiniões, uma como cidadão e outra como estudante de Direito”, afirmou. O evento ocorre sempre entre agosto e setembro. Em outros Estados, dezenas de universidades organizam simulações semelhantes. 



Prof. Sued Lima, do Observatório das Nacionalidades: escândalo diplomático não tardará a ser esquecido pela comunidade internacional

## O QUE MOSTRA O WIKILEAKS

Um total de 251.288 documentos, enviados por 274 embaixadas norte-americanas, foram parar nas mãos de Julian Assange. Veja o que revelam alguns deles:

- O Rei Abdullah, da Arábia Saudita, teria pedido aos EUA para atacar o Irã e destruir seu programa nuclear;

- Doadores sauditas continuam sendo os principais financiadores de grupos militantes sunitas, como a Al Qaeda;

- Desde 2007, os EUA montaram um esforço secreto para remover urânio altamente enriquecido do reator de pesquisa do Paquistão, por medo de que pudesse ser desviado para uso em um reator nuclear ilícito;

- O Irã comprou mísseis sofisticados da Coreia do Norte, capazes de atingir o leste europeu, e os EUA temiam que o país árabe estivesse usando esses foguetes como peças de montagem para construir mísseis de maior alcance.

Fonte: Folha Online



# Direito de Vestir

O curso de Design de Moda da UFC acrescenta em seu currículo disciplina sobre inclusão, em sintonia com a demanda social de segmentos desprivilegiados pela indústria da moda

por Simone Faustino

Atitudes como pôr e tirar uma calça jeans, escolher um bom par de sapatos para uma festa ou achar a bolsa do tamanho ideal parecem comuns e até corriqueiras para grande parte da população. Mas a facilidade cotidiana que marca as atividades de uns encobre um dia a dia de obstáculos e muita paciência para outros. Os meios de comunicação também colaboram para certa invisibilidade dos desafios enfrentados por obesos, idosos, gestantes, pessoas com deficiência e outros segmentos fora do padrão da maioria, na hora que precisam escolher itens de vestuário confortáveis e de qualidade.

Além da parcela de culpa da mídia e do mercado, também o papel dos criadores de moda é questionado. Em um momento em que se propõem leis e iniciativas com foco na acessibilidade, a inclusão na moda apenas começa a engatinhar. Foi com o objetivo de formar profissionais mais atentos à diversidade do público consumidor e à importância do bem-estar que o curso de Design de Moda da Universidade Federal do Ceará passou a ofertar, em 2011, disciplina intitulada “Moda, Design e Sustentabilidade”.

De acordo com a Prof<sup>a</sup> Cyntia Tavares Marques de Queiroz, coordenadora do curso, a expectativa é de que não só a disciplina, mas toda a integralização curricular colabore para a formação de profissionais de atuação ética e socialmente responsável. “Desde 1994, funcionávamos sob a lógica da formação do estilista de moda, ou seja, aquele que concebe vestuário a partir da arte, da criatividade. Com a inserção da Moda no campo do Design, a grande maioria dos cursos passou a se utilizar da projeção de objetos de moda integrados com o contexto sociocultural, histórico, econômico e ambiental dos utilizadores e suas necessidades”, explica.

Ainda não há projetos em andamento no curso sobre o assunto, mas a tendência é que surjam gradativamente após a consolidação da disciplina e o envolvimento dos alunos com esse campo de estudo. “A indústria da moda, assim como as demais, é orientada por interesses mercantis. Faz isso a partir de modelos de beleza contemporâneos: o corpo magro e torneado; a pele macia; o cabelo bem cuidado. Neste sentido, todos os que estão fora dos padrões são excluídos. Os estudantes são estimulados a pensar sobre tais questões e desempenhar, no futuro, uma atuação diferente”, vislumbra Cyntia Tavares.

## Limitações diárias

Aos 4 anos de idade, Clemilda dos Santos Souza teve poliomielite, o que acabou comprometendo o desenvolvimento de seus membros inferiores. Por causa da doença, sua perna direita sofreu um encurtamento e um dos pés ficou três números menor que o outro. Enquanto crescia, Cléo, como é chamada, aprendeu a conviver com a deficiência e descobriu os tipos de roupas e calçados mais adequados às suas necessidades. “Quando vou comprar sapatos, na maioria das vezes tenho que comprar dois pares, por causa dos números diferentes. Isso me faz usar mais tênis, que me permitem comprar os dois do mesmo número, por ficar bem amarrado. Já em ocasiões mais formais, como festas, ou quando quero usar certos tipos de vestidos, minhas opções ficam muito limitadas”, conta.

As maiores dificuldades quanto a roupas foram vividas na época em que precisou usar cadeira de rodas. Foi quando necessitou de ajuda para vestir calças jeans e até roupas íntimas. “Na época, percebi que se os jeans tivessem bolsos maiores na frente, seria muito bom. E o melhor é que os sutiãs sejam do tipo que fecha na frente ou ao lado, enquanto as calcinhas maiores e com possibilidade de amarração nas laterais facilitam”, relembra. Hoje bibliotecária e servidora técnico-adminis-

trativa da UFC, ela não precisa mais da cadeira, mas conserva as muletas para vir ao trabalho, já que muitos locais da cidade não obedecem aos princípios de acessibilidade.

A experiência lhe ensinou a escolher as melhores roupas para o cotidiano: blusas de tecidos leves (que não precisem ser passadas) e calças de materiais que favoreçam o movimento e a circulação nas pernas. Outro ponto importante é que sejam bonitas. “O que existe muito é a ideia de que quem tem deficiência deixa de ser uma pessoa, não tem anseios, desejos, motivos iguais aos de todo mundo. Isso se reflete também no universo da moda. Não me recordo agora de nenhuma campanha publicitária com mulheres deficientes, como se elas não tivessem beleza para mostrar”, critica.

A fotógrafa e estudante de Comunicação Social Lara Vasconcelos enfrenta dificuldades em outra perspectiva. Bastante atendida em moda, ela lamenta que as lojas especializadas em tamanhos grandes tenham poucas opções para jovens. Por isso, prefere investir em acessórios como bolsas, sapatos, tênis, óculos de sol, lenços e bijuterias, além de “peças-coringa” como leggings ou jeans, que permitem várias combinações. Para encontrar o que gosta, garimpa das lojas multimarcas aos brechós.

Ela reclama que o padrão seguido pelas grandes marcas e cadeias de lojas não se resume só ao lado físico, mas também cultural, geográfico e social. Nas lojas mais procuradas de Fortaleza, é comum encontrar araras repletas de coleções outono-inverno que caem bem para moradores das regiões Sudeste/Sul, mas não são nada adequadas ao clima do Nordeste. Para conseguir um estilo diferenciado, a saída para Lara foi usar como aliadas a internet e uma boa costureira de confiança. “Sigo vários *blogs plus size* e vou encontrando modelos que me agradam e quero copiar. Às vezes, até me arrisco com o lápis e o papel, pois depois que descobri o que fica bem em mim,

não tem segredo”, orgulha-se.

Em sua opinião, o diferente também possui potencial de consumo, mas ainda há um longo caminho para se deixar de tratá-lo como minoria. “Vestir-se não está relacionado só com parecer, mas com ser, identidade, subjetividade e afetos. Assim como precisamos de espaços e transportes acessíveis, também precisamos de uma moda democrática. Essa necessidade é primária”, defende.

## Educados para a diferença

Fora do âmbito universitário, o universo *fashion* também demanda profissionais de diversos níveis de formação. Uma das referências em educação profissional na área de Moda é o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), que nas unidades cearenses oferta cursos de costureiro, modelista, desenhista de moda e comprador de moda (gestão). “No Senac, temos a preocupação de orientar os nossos alunos para a criação de peças em tamanhos especiais, mas a proposta é muito mais voltada para o obeso que para o deficiente físico. É uma lacuna que precisamos preencher”, reconhece Eveline Costa, consultora técnica das áreas de Produção Cultural, Design e Moda do Senac – CE.

Segundo a consultora, a suposta falta de cuidado do mercado com esses públicos diferenciados se deve, principalmente, à crença de que eles não seriam muito expressivos, com exceção dos obesos. “A indústria alimentícia começou a fazer produtos de acordo com a necessidade dos solteiros, justamente porque eles são cada vez mais numerosos, e começou a haver uma procura muito grande nos supermercados por alimentos em porções individuais”, aponta, acrescentando que o processo de mudança terá que partir do público para a indústria e não o contrário.

Em 2009, o assunto foi discutido no Dragão Fashion Brasil, em uma atividade promovida pelo Se-

nac – CE em parceria com o evento. A convidada foi a Prof<sup>a</sup> Daiane Pletsch Heinrich, do Centro Universitário Feevale (RS), onde ela coordena o projeto “Recursos Funcionais no Vestuário das Pessoas com Deficiência”. Doutora em Engenharia Têxtil pela Universidade do Minho (Portugal), a docente é autora de livros sobre desenvolvimento de produtos de moda, modelagem, antropometria para aplicação na concepção de vestuário, acessibilidade e inclusão social.





A estudante Lara Vasconcelos investe em detalhes e acessórios na hora de compor looks com informação de moda



Eveline Costa, do Senac – CE: mercado de públicos especiais consiste em uma lacuna a ser preenchida

Em entrevista a *UP*, Daiane Heinrich explicou a proposta do projeto de pesquisa, que visa gerar soluções de vestuário de moda para atender às necessidades e características específicas de cada tipo de deficiência. “Conhecer o público-alvo a que os produtos são destinados constitui a maior receita de sucesso dos produtos de moda. Basta olhar para os corpos que nos rodeiam para perceber que estes não são iguais, existindo uma infinidade de características individuais ou grupais”, ressalta.

A pesquisadora avalia que empresas e profissionais de moda ainda possuem um campo de visão restrito e até mesmo deturpado quanto ao público-alvo. “O mercado que desenvolve e comercializa produtos de vestuário não possui consciência dos índices de indivíduos com deficiência, obesidade, idosos, dentre outros grupos. Se realizassem uma pesquisa aplicada para conhecê-los, ao menos de forma numérica,

veriam que vale a pena focar uma parcela dos seus produtos para eles. Além de contribuir para uma sociedade mais justa e acessível, gerariam lucros pela venda desses produtos, praticamente sem concorrência no mercado”, enfatiza Daiane.

No ponto de vista dos lojistas, esses segmentos sociais não estão passando à margem. “Quanto aos deficientes, é mais complicado por não haver uma deficiência padronizada. Já os nichos dos obesos, da baixa estatura e das gestantes vêm sendo atendidos por lojas especializadas”, assegura Marcus Venícius Rocha Silva, presidente do Sindicato das Indústrias de Confeção de Roupas e Chapéus de Senhoras do Estado do Ceará (SindConfecções). Ao contrário do que o nome sugere, a entidade é plural e reúne fabricantes de roupas masculinas, femininas, infantis e até moda íntima.

O dirigente salienta que o sindicato trabalha em âmbito global, in-

cluindo em sua comunicação com os filiados informações sobre todos os nichos. Para ele, um obstáculo à ampliação desse mercado ainda é a resistência do próprio público, já que, para algumas pessoas, pode ser desconfortável tornar-se cliente de uma loja tida como “especial”. “O próprio cliente tem que se livrar desse preconceito. Isso tem que ser encarado com naturalidade, assim como há lojas específicas para gestantes, crianças e teens”, diz.

No ponto de vista da bibliotecária Cléo Sousa, que sente na pele as barreiras descritas anteriormente, a solução não é tão simples assim. Ela sugere que a mídia explore mais o assunto em veículos e campanhas, para que o mercado possa dar uma resposta. “Outra coisa fundamental é que os profissionais tenham sensibilidade para lidar com as diferenças e pensem nelas como um espaço de oportunidades e diálogo”, comenta. ☺

# Esperança de vida

*Grupos de pesquisa da UFC acompanham mulheres mastectomizadas e trabalham na prevenção do câncer de mama, que já é o tipo mais comum da doença entre a população feminina*

por Hébely Rebouças

Sair de casa com uma blusa bem decotada faz parte da estratégia de mulheres que querem atrair olhares ou simplesmente se sentir mais bonitas. Era assim com a cearense Marlene Pedrosa até 13 anos atrás, quando ela descobriu um câncer de mama. Além do medo, ela teve de conviver com a vergonha do próprio corpo – o que, hoje em dia, já não é problema. Curada, Marlene engajou-se na luta contra a doença, que ainda atinge cerca de 50 mil mulheres por ano no Brasil. E o principal: agora, com a Associação Toque de Vida, e em parceria com a Universidade Federal do Ceará, ela também ajuda as vítimas a superarem a dor da perda de um dos órgãos que mais simbolizam feminilidade, sensualidade e maternidade.

O câncer de mama é o segundo mais frequente no mundo e o mais comum entre as mulheres, conforme o Instituto Nacional do Câncer (Inca). Em 2010, foram 49,2 mil casos no País – 1.660 só no Ceará. O número é bastante superior aos 18 mil registros de câncer de colo do útero, por exemplo, outro mal frequente entre elas.

Assim como os outros tipos de câncer, o tratamento e a cura dependem do estágio em que o tumor

é descoberto. O exame do toque, em que a mulher apalpa o próprio seio, geralmente identifica o nódulo somente cerca de sete anos após seu surgimento, quando já está em fase intermediária ou avançada. Por isso, a mamografia e a ultrassonografia são as técnicas mais indicadas para detectá-lo.

Como a oferta desses serviços na rede pública de saúde ainda deixa a desejar e o problema da desinformação atinge grandes parcelas da população – especialmente a de áreas rurais – a sobrevivência das pacientes nos países em desenvolvimento é de cerca de 57%, segundo o Inca – nas nações mais ricas, a taxa salta para 73%. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil está em 29º lugar no ranking de curabilidade do câncer de mama. Estados Unidos e Cuba estão nas primeiras colocações.

Remover o tumor é uma das principais etapas do tratamento. Quando o diagnóstico é precoce e a doença atingiu pequena parte do órgão, costuma-se realizar a “quadrantectomia”, que retira apenas um pedaço da mama. O problema é quando o câncer ganha volume. Nesses casos,

é necessário apelar para a mastectomia, cirurgia mais radical, que retira todo o tecido mamário, provoca traumas e fragiliza ainda mais a vítima da doença.

É para dar suporte a quem passou por essa situação que Marlene, aquela do início da reportagem, coordena a Associação Toque de Vida, entidade sem fins lucrativos localizada em Fortaleza, onde mulheres mastectomizadas produzem sutiãs especiais e próteses artesanais para quem também perdeu a mama e não pôde fazer a reconstrução cirúrgica do órgão.

Trata-se de uma forma simples e barata de disfarçar a mutilação. Mais de 300 voluntárias confeccionam os produtos, vendidos a preços simbólicos e também doados à casa de apoio do Instituto do Câncer do Ceará. Além de incentivar o empreendedorismo – já que, depois de mastectomizadas, muitas param de trabalhar – outra proposta da casa é oferecer

um espaço de convivência entre pessoas que, em comum, têm a alegria da vitória contra o câncer, mas também angústias e receios.

É justamente aí onde entra o trabalho da UFC. A cada mês, as mulheres da Associação juntam-se a pacientes com câncer de mama recém-operadas ou ainda em tratamento para, simplesmente, desabafar. Quem acompanha os encontros são os pesquisadores do Grupo de Estudo e Pesquisa à Mulher Mastectomizada (Gepam), ligado ao Departamento de Enfermagem da Universidade. “A primeira fase da mulher que descobre a doença é a reclusão. Há um tabu muito grande. Nas visitas que fazíamos aos hospitais, percebíamos a necessidade que elas tinham de conversar, de saber melhor o que aconteceria com elas. O grupo é uma válvula de escape”, descreveu a coordenadora do Gepam e autora de vários livros sobre o tema, Prof<sup>a</sup> Ana Fátima Carvalho.

Segundo ela, são várias as queixas. Há desde mulheres que sofrem por terem sido abandonadas por seus parceiros ao retirarem a mama até aquelas que não conseguem lidar com os efeitos colaterais do tratamento, não tiveram sucesso na tentativa de reconstituição mamária ou não aceitam a condição de mastectomizadas.

Uma das dificuldades da cearense Cléia Rodrigues Marques, 37 – que teve câncer há oito anos, mas está curada – foi conviver com o preconceito das outras pessoas. A caminho das sessões de quimioterapia, com máscara no rosto (para evitar contaminação) e quase sem cabelo, era comum ficar isolada dentro do ônibus.

Certo dia, também dentro do coletivo, a mãe de uma garota que estava próxima a Cléia ordenou que a menina se afastasse. “Vem pra cá, essa aí tá é drogada”, teria gritado a mulher à filha, referindo-se à aparência debilitada da então paciente. Para piorar, também passou por complicações na cirurgia de reconstituição mamária, após ter sido mastectomizada. “Simplesmente não me avisaram

que iriam tentar refazer meu seio. Fui dormir certa de que acordaria sem ele e acordei com um peito reconstruído. Achei ótimo, mas depois vieram os problemas. Meu organismo rejeitou a prótese”, relata. Foram meses até o problema ser resolvido.

Além de conversas sobre relatos desse tipo, o Gepam também oferece instruções sobre os cuidados na fase pós-operatória e sobre como alertar outras mulheres a respeito da prevenção e do combate ao câncer de mama.

### Otimismo

Ser diagnosticada com câncer não significa, necessariamente, receber uma sentença de morte. Ao visitar o Centro Regional Integrado de Oncologia (CRIO), a reportagem de *UP* encontrou um exemplo de como é possível lutar contra o câncer sem perder a alegria de viver. Na sala de quimioterapia, sentada em uma poltrona, Maria de Fátima Oliveira, 57,

até tentava cochilar enquanto recebia doses de hormônios, em uma das últimas etapas do tratamento. Estava cansada da viagem que fizera de Quixadá, onde mora, até a Capital, aonde vem com frequência para dar continuidade ao tratamento.

A mulher descobriu o câncer há cinco anos, enquanto passava sabonete no corpo, durante o banho. Quando percebeu um pequeno nódulo no seio, teve a certeza de que estava doente. “Fiz todos os exames, mas já sabia, já estava preparada. Claro que fiquei preocupada, a gente que tem filhos pensa logo neles, né? Mas rezei, pedi a Deus pra me dar forças e comecei a me tratar”.

De acordo com Kamila Monteiro, uma das enfermeiras do CRIO e aluna do Mestrado em Enfermagem da UFC, uma das partes mais complicadas do tratamento ocorre cerca de três dias após a sessão de quimioterapia, quando aparecem as náuseas e vômitos, comuns nos pacientes submetidos ao tipo de medicação



Equipe do Grupo de Estudos Oncológicos (GEEON), cujas atividades incluem pesquisa, formação e prevenção

que combate o câncer. Ela garante, no entanto, que é possível amenizar o sofrimento com outras drogas, que diminuam os efeitos colaterais.

### Prevenção e perspectivas

Especialistas ouvidos pela reportagem de *UP* foram unânimes em avaliar que, embora o poder público tenha intensificado as ações de prevenção e combate ao câncer de mama, as políticas no setor ainda são incipientes. De acordo com o docente da Faculdade de Medicina e Chefe do Serviço de Mastologia da UFC, Prof. Luiz Porto, a cobertura do serviço de mamografia para mulheres com mais de 50 anos no Ceará ainda está em torno de 35%. Mas, segundo o médico, o Estado conseguiu quadruplicar esse tipo de exame nos últimos três anos.

Um dos problemas é a concentração de campanhas de informação e prevenção em apenas alguns meses do ano. Na UFC, o Grupo de Educação e Estudos Oncológicos (GEEON), também coordenado pelo Prof. Porto, tem tentado amenizar o problema através do Projeto Iracema, que treina agentes de saúde para convencer as mulheres a realizar os exames preventivos. “Nosso grande gargalo é o diagnóstico tardio. Tem caso de pessoas que moram em frente ao Serviço de Mastologia da UFC, mas que não chegam até lá”, lamenta.

Pelo menos em tese, há motivos para esperar um futuro melhor. O novo Ministro da Saúde, Alexandre Padilha, disse em seu discurso de posse, no início de janeiro, que concentrará esforços na prevenção e controle dos cânceres de mama e do colo do útero, atendendo a um pedido específico da presidente da República, Dilma Rousseff. “Precisamos aproveitar a oportunidade da primeira Presidenta do País e fazer um grande esforço por essas mulheres que, por muitos motivos, não tiveram condições de fazer a prevenção adequada”, afirmou Padilha. Resta ao Brasil cobrar resultados.



Através de entidade filantrópica, Marlene Pedrosa ajuda a devolver a autoestima a mulheres que, como ela, venceram o câncer

### Pesquisa de ponta

Uma descoberta no Laboratório Saul Goldenberg, do Grupo de Educação e Estudos Oncológicos (GEEON) da UFC, está prestes a ganhar o mundo e a entrar para o rol de procedimentos médicos no diagnóstico do câncer de mama. Sob a coordenação do Prof. Luiz Porto, da Faculdade de Medicina, a equipe encontrou uma forma mais barata e eficaz de constatar se o tumor se estendeu para a axila das pacientes. Quando isso acontece, é sinal de que houve metástase. Assim, é necessário remover não apenas a região afetada no seio da mulher, mas também o tecido da parte inferior do braço, procedimento que leva a complicações funcionais no lado operado.

Para saber se a doença chegou aos linfonodos, o médico precisa localizar na paciente o chamado “linfonodo sentinela”, que é o primeiro a ser atingido quando as células cancerígenas se espalham. Caso ele esteja intacto, evita-se o esvaziamento da axila. Hoje, há duas formas de identificação: utilizando-se o marcador corante “azul patente”, que custa em média R\$ 86,00, ou a substância radioativa

denominada “tecnécio”, com custos aproximados de R\$ 600,00. Além do preço elevado, ambos podem causar reações adversas.

O grupo de pesquisa da UFC descobriu em experimento com cadelas que um derivado do sangue chamado “hemossiderina” também tem propriedades que ajudam a localizar o linfonodo. Trata-se de uma espécie de “marcador natural”, sem grandes custos e livre de riscos de anafilaxias. De acordo com o Prof. Luiz Porto, a pesquisa é pioneira e, caso comprovada em seres humanos, deverá ser utilizada em hospitais de todo o mundo. Revistas científicas internacionais já demonstraram interesse no tema.

A técnica foi publicada como nota prévia na *Ata Cirúrgica Brasileira* e o Comitê de Ética em Pesquisa em seres humanos já autorizou a aplicação experimental em pacientes do Hospital Universitário. A pesquisa financiada pelo Banco do Nordeste do Brasil começará em fevereiro deste ano, e os resultados dos testes com mulheres devem ser concluídos ainda em 2011.

# ÁFRICA NAS ESCOLAS

*A temática afrobrasileira tornou-se obrigatória nos currículos do Ensino Fundamental e Médio, com a Lei nº 10.639, de 2003. A UFC assume um importante papel na formação de docentes na área*

por Lucintha Gomes

Façamos um breve exercício de memória: o que aprendemos sobre história e cultura africana nos tempos de escola? Apesar da nossa construção social e política ser permeada por heranças daquele continente, as escolas não possuíam tradição em discutir a temática e, conseqüentemente, sabemos muito pouco a respeito. Esse quadro deve mudar, com a Lei nº 10.639, em vigor desde 2003, que tornou a temática afro-brasileira obrigatória nos currículos dos ensinos Fundamental e Médio.

Com a lei, todas as escolas públicas e particulares da Educação Básica devem ensinar aos alunos conteúdos relacionados à história e à cultura afro-brasileiras. Nesse contexto, a Uni-

versidade Federal do Ceará (UFC), assume papel fundamental na formação de novos professores, bem como na capacitação daqueles que já estão nas salas de aula.

A discussão sobre a relação entre Brasil e África não é novidade dentro do perímetro acadêmico. Contudo, na avaliação da coordenadora do Curso de História da UFC, Prof<sup>a</sup> Kênia Sousa Rios, o debate precisa ser levado às salas de aula. Tendo isso em vista, antes mesmo da aprovação da lei, em janeiro de 2003, já havia sido criada, em 2002, uma disciplina de História da África no Departamento de História.

A oferta da disciplina, que é obrigatória aos alunos da graduação, já demonstrava uma preocupação da Universidade em compreender a relação historiográfica social e política do Brasil com a África. “A lei vem a reforçar o trabalho que já era realizado na UFC e é um instrumento importante”, explica o professor da disciplina de História da África, Franck Ribard. Ele também é coordenador da Mostra de Cinema Africano, que tem periodicidade anual e chegou à quarta edição durante o III Festival UFC de Cultura – Ceará, África, Lusofonia: Encontros e diálogos além-mar (realizado entre os dias 18 e 22 de outubro de 2010).

Aliás, para o Festival, foi elaborada uma programação que incluía uma série de atividades reunindo pesquisadores brasileiros, portugueses, atri-

canos, atraindo professores das redes pública e privada de ensino e representantes de movimentos sociais. “A ideia foi proporcionar intercâmbios, discussões e encontros”, acrescenta o Prof. Ribard.

No esforço de propagar ainda mais as discussões levantadas no evento e até mesmo de ampliar o debate sobre história e cultura africana, bem como suas relações com o Brasil, professores do Departamento de História da Instituição organizaram o livro “África, Brasil, Portugal – História e Ensino de História”, publicado pelas Edições UFC. Trata-se de uma coletânea de artigos de pesquisadores do Brasil, da África e de Portugal, que discutem a riqueza e amplitude da relação entre as duas terras. O livro discute o ensino da história e cultura africanas, respondendo aos anseios de professores que têm sentido dificuldade de instrumentalizar o ensino.

Além do curso de graduação e da Mostra de Cinema Africano, a UFC conta também com o Curso de Espe-

cialização em História da África, criado em 2007. “Os alunos estão saindo da graduação com alguma formação. Ainda é pouco, pois só é ofertada uma disciplina, mas temos também um número elevado de pessoas que precisam se atualizar na discussão. A procura é grande e as pessoas cobram novas turmas da especialização”, admite Kênia.

A primeira turma desse curso foi formada em 2007, em parceria com a Prefeitura de Fortaleza. No ano de 2009, 80 professores da rede municipal de ensino da Capital foram formados, com uma carga horária de 880 horas. A perspectiva é de que, ainda neste ano, seja criada uma nova turma. Conforme Kênia, a demora em abrir novas seleções deve-se à busca por parcerias, para que o curso seja ofertado gratuitamente. “Essa é uma prioridade nossa, oferecer um curso gratuito, já que estamos numa universidade pública”, explica.

A coordenadora destaca que a obrigatoriedade de incluir o tema no currículo de estudantes de ensino Fundamental e Médio é resultado de todo um histórico de lutas de movimentos sociais, que defendem a importância de se lançar um novo olhar sobre a identidade afro. Ainda assim, a aplicação da lei lança um grande desafio à Universidade, que é a transformação de sensibilidades.

Ribard lembra a dificuldade de se elaborar uma visão diferenciada da África, uma vez que ela costuma ser estereotipada, estancando sempre no escravo e no barco negreiro. “Existe um problema cultural que é o racismo, e a educação ajuda a reproduzir isso”, lamenta o professor, acrescentando que é possível perceber nos próprios alunos visões cristalizadas. O conceito de negro, por exemplo, costuma ter imagens físicas e não intelectuais.

Aqui no Ceará, conforme o docente, existe um forte racismo velado. Isso pode ser percebido por meio de

piadas que aparecem no cotidiano e de linguagens que são naturalizadas. “Existe uma ideia de que aqui no Ceará não tem negro. Como é que isso se constrói? Por que essa ideia se consolidou num certo momento da história? É preciso permitir que as pessoas reflitam e entendam como essa percepção foi construída, para se libertarem dessas ‘verdades absolutas’”, alerta.

Franck Ribard lembra ainda que qualquer brasileiro é marcado por essa herança africana. O descompasso está justamente nas visões cristalizadas que precisam ser superadas. “Existe no Brasil um racismo estrutural e muitas vezes institucionalizado, o que legitima a necessidade de compreender a história para se pensar de outra forma as populações afro-brasileiras e a noção de afrodescendência”, explica.

De acordo com Kênia Rios, muito pouco se falava ou refletia sobre esta temática nas salas de aula do Ensino Básico. O que se quer agora é refletir, dar profundidade e alargar o ensino para a sala de aula, envolvendo a sociedade como um todo. E, como ela mesma diz, a Universidade tem que responder a essa demanda, formando não só novos professores, mas dando à sociedade condições de pensar a história da África, considerando sua diversidade e sua relação com outros povos.

Para ela, as iniciativas ainda são pequenas. Mas a professora garante que a UFC, por meio do Departamento de História, da Faculdade de Educação e do curso de Ciências Sociais, por exemplo, tem se movimentado para assegurar a formação de parte desses professores. “A ideia sempre foi gerar agentes multiplicadores,

para que a formação tenha um alcance maior”, explica, acrescentando que as mudanças ocorrerão lentamente. “A lei é um texto teórico e a prática é bem diferente. Ela passa por criar novas sensibilidades. É um trabalho de longa duração”, acredita.

A pesquisadora vê com bons olhos o retorno de alunos da primeira turma do curso de especialização. Atendendo a uma das disciplinas, eles buscaram livros sobre história e cultura africana nas bibliotecas de suas escolas, e a boa notícia é que descobriram vários títulos, incluindo obras voltadas para o ensino, como literatura infantil. “A gente observa que as bibliotecas das escolas estão sendo alimentadas. E as editoras têm muitas opções em seus catálogos. Foi uma surpresa boa saber que esse processo não seria tão dramático assim”, vibra. 

## SERVIÇO

Livro “África, Brasil, Portugal – História e Ensino de História”. Organizado por Eurípedes Funes, Francisco Régis Lopes, Franck Ribard, Kênia Sousa Rios. Edições UFC, 2010.

# NAMIRA CERTA

Parceria entre UFC, FUNCAP e Secretaria de Segurança Pública do Ceará fomenta o desenvolvimento de simulador virtual de tiro a ser usado no treinamento da polícia do Estado

por Cristiane Pimentel

Em mais um dia de trabalho, o policial se depara com um homem dirigindo uma picape em alta velocidade. Ao ser abordado, o sujeito tece uma narrativa meio duvidosa, expressando certo nervosismo. De súbito, alegando a busca de seus documentos dentro do carro, o indivíduo adentra ao veículo e manuseia algo que o policial não consegue identificar. Podem ser, de fato, os documentos dele, mas também pode se tratar de uma arma de fogo. Segundos separam a abordagem policial correta e equilibrada da precipitada e desastrosa. E o treinamento adequado determina a execução de uma ou de outra.

É com o objetivo de proporcionar uma formação mais eficaz – tanto no aspecto de precisão do tiro quanto na abordagem – que pesquisadores do Departamento de Computação da UFC e do Instituto UFC Virtual estão desenvolvendo um simulador virtual de tiro. Fruto de parceria entre a Universidade, Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) e Secretaria da Segurança Pública do Estado, a pesquisa culminará em um sistema que possa ser utilizado em conjunto com o exercício de tiro tradicional, obtendo assim profissio-

nais mais bem preparados, aliado à redução de custos.

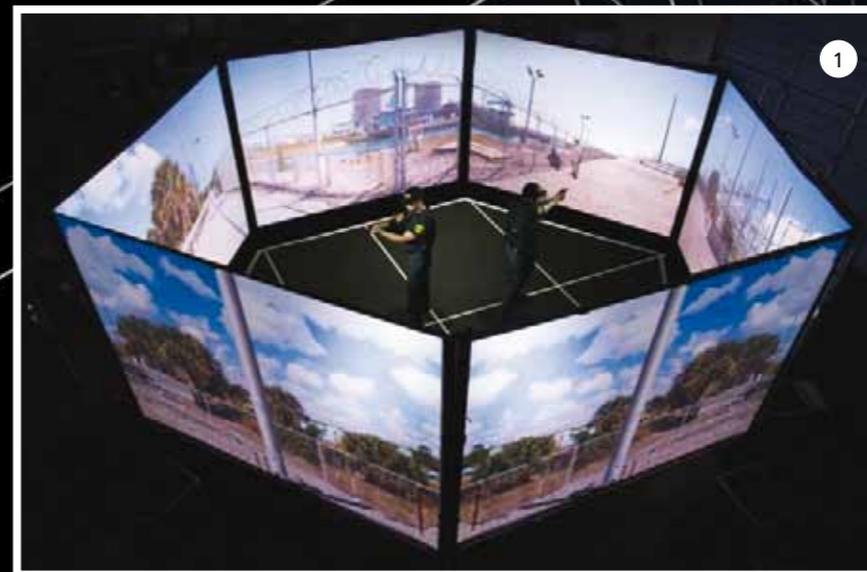
O simulador de tiro criado na UFC baseia-se em uma tecnologia já utilizada na qualificação de integrantes de forças armadas e de agentes de segurança pública mundo afora. No Brasil, a inspiração foi a polícia de Manaus, que faz uso de um sistema com tecnologia americana. Funciona da seguinte forma: em uma sala ampla são instaladas telas nas quais são projetadas, de forma integrada e contínua, situações análogas à realidade do cotidiano policial. Manuseando uma arma real adaptada para disparar laser, o policial fica imerso na realidade virtual propiciada pelas imagens – vídeos realizados com atores reais – e pelo som, oriundo de caixas de som instaladas no local.

Para captar o disparo realizado pelo aluno, câmeras com sensores são posicionadas atrás das telas. Todo esse sistema é controlado por computadores instalados no mesmo local. Tornando ainda mais real a experiência imersiva, as armas possuem um mecanismo de disparo baseado em ar comprimido, que reproduz o chamado “coice”, quando a força propulsora da bala é sentida pelo atirador. O número de telas uti-

lizadas, que podem chegar até seis, integra um ambiente chamado de “Cave”, ou caverna, em inglês.

O sistema, elaborado no laboratório do Grupo de Pesquisa em Computação Gráfica, Realidade Virtual e Animação da UFC (CRab), tem como estrutura tecnologia nacional, resultado de uma colaboração entre os estudiosos da UFC e do Prof. Marcelo Gattass, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Segundo o Prof. Joaquim Bento, um dos coordenadores do projeto juntamente com o Prof. Creto Vidal, a vantagem de um simulador desenvolvido no País é de uma maior ligação com a realidade social local, além da redução expressiva de custos, ao invés da aquisição de sistemas importados.

“Há várias polícias do Brasil querendo comprar esse sistema de Manaus. A do Rio de Janeiro, por exemplo, comprou. Com esse sistema nacional em substituição ao americano, há, além do menor custo, a questão da customização, pois você pode usar situações da realidade local, como imagens do próprio Ronda (Programa Ronda do Quarteirão) daqui do Ceará”, afirma.



1. Projeto da “cave”, ambiente virtual onde os policiais vivenciarão as experiências do treinamento

## Vivência diversificada

Uma equipe de 15 pessoas atua no projeto de uma “Cave”, a ser instalada na sede da nova Academia de Segurança Pública, no bairro Mondubim. Além da atividade em vídeo, os pesquisadores trabalham para que esse simulador conte com situações em realidade virtual, para propiciar o treinamento contínuo de indivíduos e equipes. “Por exemplo, já vimos no sistema de Manaus que uma das desvantagens do sistema é ser apenas em vídeo. O motorista da Secretaria de Manaus, que assiste às demonstrações já há algum tempo, conhece todas as situações de abordagem, que são em torno de 70. Até ele já memorizou, não tem mais o elemento surpresa. Quando você tem um ambiente de realidade virtual, com personagens virtuais que podem ser facilmente replicados e customizados, você tem um número de situações muito maior. Isso evita a repetição, além da manutenção ser bem mais simples do que a realização de vídeos com pessoas reais”, destaca Creto Vidal.

Além do ganho na diversidade de situações, o modelo de “Cave” a ser implantado na Academia destaca-se pelo preço. Os valores de mercado dos siste-

mas atuais variam de R\$ 800 mil a R\$ 1 milhão. Já o cearense está orçado em torno de R\$ 250 mil, não só pelo fato de ser nacional, mas também por uma boa dose de criatividade dos pesquisadores. “A câmera que grava o infravermelho é muito cara, então pegamos um controle de Nintendo Wii, que capta infravermelho. Abrimos, tiramos a lente e usamos essa câmera, que é muito mais barata e muito mais rápida do que a original. Na verdade, quebramos em dois tipos de sistema: um mais caro, muito parecido com o original (só que com três telas), e um segundo o mais barato possível, em torno de R\$ 2 mil, para que pudesse ser desmontado e remontado em qualquer lugar e ser rapidamente aplicado. Será útil, por exemplo, em treinamentos no Interior do Estado. A ideia é fazê-lo o mais portátil possível, nem notebook queremos usar, e sim netbook”, explica o coordenador de desenvolvimento do projeto, Prof. Melo Júnior.

O simulador é desenvolvido em linguagem C++, na plataforma Linux. Além de refinar a mira dos policiais, pretende tornar mais aguçada a percepção desses profissionais na hora da abordagem. “Outra diferença é que o sistema de Manaus faz um treinamento para força policial e

Os coordenadores, Prof. Joaquim Bento (2) e Prof. Creto Vidal (3), garantem que o sistema terá situações diversas e manutenção simples

militar, enquanto no nosso não queremos apenas trabalhar essa ideia de tiro, de atirar ou não, mas a ideia de doutrina. Em uma situação de risco como sequestro, queremos ver como o policial vai se portar, pois nem tudo é resolvido baseado em tiro. Apesar do nome Sistema Virtual de Tiro, ele não trabalha só isso”, comenta Melo Júnior. Para o diretor da Academia de Segurança Pública do Ceará, Geraldo Bertolo, outro destaque do sistema é a possibilidade de correção de erros antes da prática com munição de fato. “Com a vantagem de se ter um custo muito menor, pois vamos poder efetuar muito menos disparos, podemos formar nosso pessoal efetivamente antes dele pegar na arma. É um treinamento muito importante para correção de vícios, correção de postura e de pontaria”, declara.

# Folia Antecipada

*Tida como recanto de descanso e relaxamento em pleno Carnaval, Fortaleza vive, hoje, nos quatro fins de semana que antecedem a festa, uma época de eferescência, com os blocos de Pré-Carnaval*

por Cristiane Pimentel

Mal esmaecem as cores e desvanecem o brilho dos fogos de artifício do réveillon e outros tons e luminosidades passam a fulgurar no olhar de muitos brasileiros. Entram em cena o confete, a serpentina e as lantejoulas, completando o cenário com marchas, frevos, sambas, axés e todo e qualquer tipo de música que incite uma movimentação “nas cadeiras”. O Carnaval, cartão-postal número um da imagem do Brasil mundo afora, é tão significativo em nossa cultura que, dizem alguns, o ano só inicia mesmo após a passagem do Rei Momo.

Rio de Janeiro, Salvador e a dobradinha Recife/Olinda abrigam expressões que movimentam milhões, de pessoas e de reais. Em Fortaleza, esperar até meados de março pareceu muito e a folia passou a chegar mais cedo, cerca de um mês antes, com o Pré-Carnaval. Realizado desde o início do século passado, “o Carnaval antes do Carnaval” vem ganhando cada vez mais força – desde a década de 80 – a partir do bater das asas do “Periquito da Madame”, bloco que marcou essa retomada. Com isso, um fenômeno interessante se observa: vendida por um longo período como uma capital de descanso nesse período, Fortaleza vive a eferescência

momina antecipada, com um verdadeiro esvaziamento logo após. É a cidade do Carnaval, não o de fato, mas o Pré.

Este ano, somente sob a alçada do apoio financeiro da Secretaria de Cultura de Fortaleza (SecultFor), são 50 blocos de Pré-Carnaval. Estima-se que, atualmente, haja em torno de 80 blocos na Capital. No primeiro ano do edital de fomento, em 2007, foram contempladas 45 iniciativas, totalizando um investimento de R\$ 247,5 mil. Nos três anos seguintes, o valor destinado ao incentivo à festa foi de R\$ 300 mil em cada ano, premiando 50 blocos.

## Público de A a Z

Com diferentes repertórios e estilos, os blocos de Pré-Carnaval de Fortaleza agradam aos mais diversos estilos de folião: dos amantes das velhas marchinhas aos apreciadores do samba e do funk cariocas; daqueles que não deixam de lado uma fantasia aos que preferem short jeans e camiseta; dos que gostam de concentração àqueles que querem mesmo é sair pelas ruas. Nessa convergência de blocos e foliões destacam-se os bairros

Benfica, Praia de Iracema e Centro.

Seguindo a linha mais tradicional, um dos contemplados pelo edital da Prefeitura é o “Concentra, mas não sai”. Criado em 2001, a partir da iniciativa de um grupo de amigos apaixonados por Carnaval, o bloco anima a Praça do Ferreira, no Centro, com seu repertório recheado por marchinhas, frevos e sambas antigos. Como o nome explicita, a característica do bloco é de sempre realizar suas apresentações em pontos fixos. “O nome ‘Concentra, mas não sai’ veio de um bloco que já existia no Rio de Janeiro. A ideia nos pareceu interessante porque o povo que criou o Concentra era muito mais de concentrar mesmo, ficar ali tomando uma cervejinha”, comenta Marcus Oliveira, um dos organizadores do bloco.

Do início, no bairro Papicu, quando reunia em torno de mil pessoas, o Concentra, hoje, faz cerca de 20 mil foliões pularem ao som de músicas como “Bandeira Branca” e “Máscara Negra”. “Passamos dois anos lá no Papicu e depois fomos para o Mercado dos Pinhões. Daí crescemos e fomos para a Praça do Ferreira. O pessoal vai lá, ordeiramente brinca e depois vai embora. De todos os espaços que nós tivemos acho a Praça do Ferreira o

melhor, é o espaço mais democrático, mais bonito”, afirma Marcus.

Como relata o coordenador, “um público de A a Z” pode ser visto nos sábados de apresentação do bloco. Segundo ele, a massiva participação popular se dá, além da qualidade do Concentra, pela falta de um calendário mais contundente de opções culturais na cidade. “A carência de coisas boas, públicas e de graça faz com que o Pré-Carnaval seja um evento maior do que o Carnaval. Fortaleza já teve carnavais muito bons, animados, mas acho que, a partir do momento que você tem a impossibilidade de se divertir, que você é um espectador de desfiles, não tem muita animação. Já no Pré-Carnaval você se diverte porque faz parte”, expõe.

Com uma proposta de repertório focada em autores cearenses, outra iniciativa carnavalesca na cidade é o bloco Luxo da Aldeia. Com o nome retirado de uma música de Ednardo, o grupo é formado por jovens músicos que viram nessa época do ano a oportunidade de trazer a público versos e melodias com sotaque alencarino. “A gente pensou nos compositores e Ednardo e Fausto Nilo foram os primeiros que vieram à mente. Aí fomos vendo outros, como Lauro Maia, Luis Assunção, Evaldo Gouveia, isso os mais antigos. Há ainda um compositor que é um dos que mais admiro, o Paulo Gomes, professor do IFCE (Antigo CEFET), que participou de um concurso de marchinhas do Fantástico e ficou em terceiro lugar. Nosso repertório é um dos mais ecléticos porque a gente toca samba, marchinha, frevo, e de todas as épocas, sendo que cada época tem um estilo diferente”, explica Mateus Perdigão, um dos organizadores do bloco.

O público que confere as apresentações do Luxo da Aldeia nas ruas do Benfica – predominantemente universitário – serve como parâmetro para traçar o perfil de um grupo que cada vez mais imerge no cenário do Pré-Carnaval cearense: jovens entre 20 e 35 anos, de classe média, e que tiveram no axé um dos poucos modelos de brincar a folia aqui no Es-



Nos sábados de Pré-Carnaval, o bloco “Concentra, mas não sai” chega a reunir cerca de 20 mil pessoas na Praça do Ferreira

tado. Ávidos por novidades, a turma engrossa a leva de instrumentistas e foliões que avigora ainda mais a folia antecipada. “Apesar de na hora da festa ter gente de tudo que é jeito, percebo que tem muito estudante universitário. Pra ser sincero, não sei o porquê do Pré ter ganhado mais força, acho que por ser mais descentralizado e é um modelo no qual as pessoas participam”, declara Mateus.

## Tensões sociais

Para a pesquisadora Danielle Maia, que desenvolve tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC sobre o Pré-Carnaval de Fortaleza, no cerne dessa inversão de lógica na Cidade estão os conflitos sociais existentes na sociedade cearense. “O Carnaval é um momento-chave para se entender as tensões sociais. Por que as pessoas saem da cidade? Por que a elite não fica e prestigia as suas manifestações? Por que o fortalezense sai para presti-

giar os maracatus de Pernambuco e não fica para prestigiar o cearense? É possível pensar nisso através da festa”, destaca.

Segundo a estudiosa, uma das razões do fato de o Pré-Carnaval ter hoje um envolvimento popular mais intenso do que o Carnaval reside na associação, por volta nos anos 20 e 30, dos bailes promovidos pela elite fortalezense como sendo o “verdadeiro Carnaval”. Isso gerou uma cisão com as manifestações já existentes nas periferias, que ficaram socialmente relegadas a uma festa de segunda ordem. “As décadas de 20 e 30 são extremamente marcadas pelos blocos, os corsos, que geralmente davam uma voltinha da Praça do Ferreira e iam até o Passeio Público, e os bailes. Paralelo a isso, na periferia da cidade, também havia manifestações carnavalescas, só que os jornais da época não davam visibilidade a esses blocos, eles vão dar mais destaque a esses blocos da elite. Com o tempo, as pessoas da periferia começaram a ir também ao Centro da cidade para



Para amantes da festa, como Dilson Pinheiro, a melhor coisa é poder brincar o Carnaval na própria cidade

brincar o carnaval. Como a elite não queria proximidade, ela sai, tira o coreto da Praça do Ferreira e suas manifestações carnavalescas se recolhem nas casas e nos clubes, que começam a ter seus bailes carnavalescos com fantasia”, expõe.

Com as transformações sociais vividas na cidade e a consequente decadência dos bailes em clubes por volta dos anos 80, o Pré-Carnaval, até então tido como a festa dos pobres e periféricos, é alçado ao posto de Carnaval. “Os blocos de Pré-Carnaval começam a se redefinir na Fortaleza da década de 80, com o surgimento da Banda do Periquito da Madame. Nas entrevistas que fiz até agora, as pessoas dizem que, pra elas, o Carnaval de Fortaleza é o Pré-Carnaval. Quando chega o Carnaval, com aquela melancolia dos maracatus, aquela tristeza, aquela pobreza, eles vão para Recife ou para o Rio de Janeiro”, esclarece a pesquisadora.

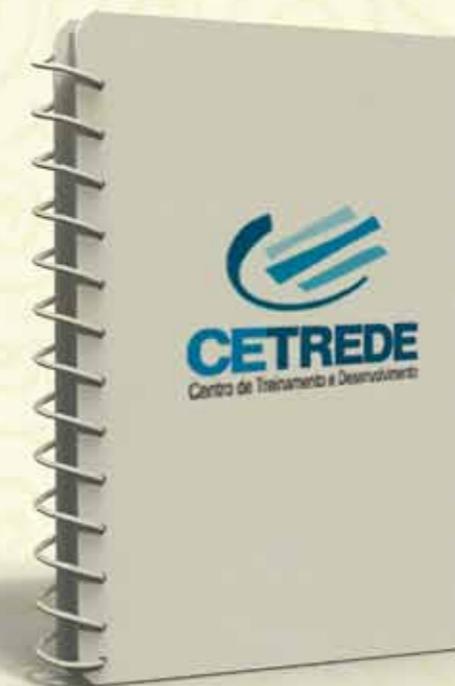
### Requalificação

Apesar de manifestações como maracatus, escolas de samba e afoxés, mesmo sob dificuldades, sempre terem feito do início do ano o período máximo de sua expressão através do desfile carnavalesco, Fortaleza sofreu a alcunha de “Cidade sem Carnaval”. Do grupo de criadores do precursor bloco de Pré-Carnaval “Quem é de Benfica”, um dos foliões mais animados da cidade, o cantor, compositor e apresentador Dilson Pinheiro relembra essa época de vacas magras na festa cearense. “Isso foi uma estratégia inteligente, mas ao mesmo tempo sacana, do Governo do Estado, e até hoje perdura: todo o mundo no Brasil vende o Carnaval, então o governo, na época, resolveu vender Fortaleza como uma cidade de veraneio, que você vinha para repousar. Eles deram incentivo financeiro, publicitário para outros destinos, como Paracuru, Aracati, Camocim, Beberibe, isso para tirar o fortalezense da cidade. Por que que eles não incentivaram Sobral? Porque não tinha praia. Eles

queriam que o pessoal fosse para a orla e deixasse Fortaleza aos veranistas”, relata.

No entanto, nos últimos anos, ações da sociedade civil e do poder público tentam modificar essa imagem da Capital, tornando-a como opção para foliões daqui e de outros estados. Uma das iniciativas de reavivamento do período carnavalesco da cidade foi o apoio dado pela Secretaria de Cultura através de editais de fomento. “O que a gente entende que é nosso trabalho fomentar os blocos de Pré-Carnaval para que eles continuem sendo o que eles são, essa manifestação popular espontânea e alegre. Esse é um pequeno apoio, na verdade, acho que o impacto disso foi o aumento do número de blocos pela cidade. O fato de ter edital, de dar essa visibilidade toda fez com que cada bairro tenha hoje o seu Pré-Carnaval”, relata Fátima Mesquita, titular da Secretaria de Cultura de Fortaleza (Secultfor).

Atualmente, a cidade vive uma requalificação da festa carnavalesca, não apenas pelos recursos de editais, mas pelos esforços dos próprios foliões. “Destinação de recursos e apoio do poder público foram importantes, mas é a força dos brincantes que mantém a festa viva, porque eles saem com ou sem apoio”, menciona a pesquisadora Danielle Maia. O novo vigor da folia na Capital é motivo de comemoração para os amantes da festa, como Dilson Pinheiro. “Hoje, pela qualidade dos blocos, pela alegria e pelo prazer de poder brincar, fico em Fortaleza. Não tem coisa melhor do que você brincar o carnaval e voltar pra sua casa. Isso pra mim é muito compensador”, afirma. 📍



Acreditamos que a **educação** é o caminho mais seguro para a promoção do **crescimento social**.

É por isso que as nossas atividades estão sempre em sintonia com as ações da maior e melhor instituição de ensino superior do Ceará, a UFC. Participe dos nossos programas de qualificação, profissionalização e especialização.

CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO - CETREDE  
Av. da Universidade, 2932 - Benfica. Fortaleza-CE  
CEP: 60020-181 / Telefone: 85 3214 8200  
www.cetrede.com.br

# EUREKA!

O CAMPUS EM QUADRINHOS

DESENHO  
FRED MACEDO  
ROTEIRO E CORES  
FELIPE LIMA  
oficina.quadrinhos.ufc@gmail.com OFICINA DE QUADRINHOS - UFC



FCPC e UFC: Rumo a excelência no desenvolvimento científico do Ceará



Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura

Av. da Universidade, 2995 - Benfica - CEP: 60.020-181  
Fortaleza/CE. Fones: (85) 3243. 1620; 3281. 3444 - Fax: 3243. 5381  
www.fcpc.ufc.br



**Outra tradição  
da nossa cultura:  
ter investimentos do  
Banco do Nordeste.**

**Banco do Nordeste Financiamentos.  
Onde você vê Nordeste, a gente  
enxerga mais oportunidades.**

Com o Banco do Nordeste, empreendedores de diversos setores têm crédito com as melhores condições do mercado. São juros mais baixos, prazos mais longos e apoio técnico para implantar, ampliar ou modernizar negócios de todos os portes. E se o investimento for no semiárido, as condições são ainda melhores. Então, fique atento. No Nordeste, as oportunidades estão por todos os lados.

